

**TORNAR-SE MÃE: NARRATIVAS DAS JOVENS MULHERES
AFRICANAS EM SÃO FRANCISCO DO CONDE (BA)**

Aua Cassamá

Dairine Carvalho

Edsana Santos

Kadija Turé

Manuela Gomes Pereira

Milagre Nanque Indi

Milanca Cabral de Brito

Núria Glauciana Barros da Silva

Patrícia N`Zale

Sara Fortes Salvaterra

Suzete Dinis José

Lauro José Cardoso (Org.)

LAURO JOSÉ CARDOSO (Org.)

**TORNAR-SE MÃE:
NARRATIVAS DAS JOVENS MULHERES
AFRICANAS EM SÃO FRANCISCO DO CONDE (BA)**

SALVADOR

2020

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

T638

Tornar-se mãe : narrativas das jovens mulheres africanas em São Francisco do Conde (BA) /
Lauro José Cardoso (Org.). - Salvador : [s. n.], 2020.
51 p. : il. color.

Ebook.
Várias autoras.

1. Mães - África. 2. Maternidade - São Francisco do Conde (BA). 3. Mulheres - África.
I. Cardoso, Lauro José (Org.).

BA/UF/SEBI

CDD 306.8743

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. <i>"uma abertura na nossa barriga que você abre e tira"</i>	7
2. <i>"eu tive meu filho, aí vim pra cá deixei ele pequeno"</i>	11
3. <i>"vale muito mais a pena a presença do que o presente"</i>	13
4. <i>"a minha infância reflete muito hoje em dia a pessoa que eu sou"</i>	16
5. <i>"aceitei esse desafio, agora ele já está mais ou menos com 3 anos"</i>	21
6. <i>"a criança não é um vaso vazio como a gente acha"</i>	25
7. <i>"eu acho que Orgulho que me define nesse momento"</i>	28
8. <i>"A galinha põe ovos, na mãe de menino, menino papa tudo"</i>	32
9. <i>"Então eu gosto muito dessa coisa de independência, ser independente"</i>	35
10. <i>"cada vez que a barriga vai crescendo é um processo de descoberta"</i>	46
11. <i>"cada uma criança é uma criança, é diferente de outra"</i>	48
Considerações fraternais	51

Tornar-se mãe: narrativas das jovens Mulheres

Africanas em São Francisco do Conde (BA)

Aua Cassamá

Dairine Carvalho

Edsana Santos

Kadija Turé

Manuela Gomes Pereira

Milagre Nanque Indi

Milanca Cabral de Brito

Núria Glauciana Barros da Silva

Patrícia N`Zale

Sara Fortes Salvaterra

Suzete Dinis José

Lauro José Cardoso (Org.)¹

Introdução

Este ensaio traz narrativas, relatos e fotografias das jovens mães africanas presentes em São Francisco do Conde (Ba), cujas memórias e experiências estão conectadas à Universidade Internacional da Integração Afro-Brasileira (UNILAB), enquanto um espaço que emerge como "uma ponte de oportunidades", não só em termos de carreira profissional e melhoria de condições de vida, mas também como um lugar onde nos foi possível coexistir com trocas emocionais, afetos, relações efêmeras e duradouras. Logo, entre todas e diversas formas de relações que existiram, existem e vão continuar existindo fora e dentro da UNILAB, aquela que vai ser destacada no decorrer deste "exercício de escrivência", está intimamente relacionada com as palavras: amor e mãe.

¹ Bacharel em Humanidades e Licenciado em História pela Universidade da Integração Internacional Afro-Brasileira, Campus dos Malês em São Francisco do Conde (Ba). Mestrando em Arqueologia e Patrimônio Cultural pela Universidade do Recôncavo da Bahia, em Cachoeira (Ba). Oriundo de São Tomé e Príncipe e pai de Okiri Cardoso Cassamá. lauroniceboy@gmail.com

Houve, se posso assim dizer, uma "avalanche" de sensações no corpo, alma e na pele, desde as primeiras notícias e desconfianças de uma gravidez, passando pelo "crescimento na barriga da mãe", aos partos e bebês que nasceram, intensamente, em meio a uma imensidão de ternuras, sacrifícios, inseguranças e vitórias. Eu fui uma das várias testemunhas dessa "avalanche". Um pai de "primeira viagem" que precisou se adaptar às mudanças, pois, a partir de um determinado momento, já não era só eu como um simples estudante santomense universitário, ou seja, em termos de identificação e consciência, também passei a ser chamado de pai. Pai de Okiri. Todo esse turbilhão de sentimentos, na minha forma de ver, ouvir e escutar, essa transformação e o constante «tornar-se pai», acabou sendo um marco fundamental na minha vida. Mas o que desejo escrever aqui, não é algo em específico sobre mim, embora eu, enquanto alguém que tece as linhas dessas palavras, também acabo por me tornar num "espectro de influência" desse ensaio.

Basicamente, para realizar essa «lida ensaística», parti ao encontro de depoimentos orais de mulheres africanas que são e têm se tornado mães fora dos seus países de origem, enquanto atuais e antigas estudantes da UNILAB, no *campus do malês* em São Francisco do Conde. Com algumas cheguei a fazer entrevistas mediante o uso do gravador do celular ou telemóvel. Mas na maior parte das conversas, pedi que me enviassem áudios pelo Whatsaap e o Messenger, por motivos de falta de oportunidade em ter encontros presenciais. Já no que concerne às perguntas realizadas, de forma resumida, fiz apenas uma questão aberta, que pudesse dar margens às respostas abertas. O objetivo era que essas jovens mães falassem, do jeito como entendessem melhor, acerca das experiências maternas "longe de casa", das memórias de infância nos seus países de nascimento em relação ao que almejam e desejam para os seus filhos/as, assim como, pedi que também falassem sobre as relações interpessoais com as suas próprias mães nos seus países de nascimento.

Desta forma, para a realização desse ensaio, as jovens mães que participam são: Aua Cassamá, Dairine Carvalho, Edsana Santos, Kadija Turé, Manuela Gomes Pereira, Milagre Nanque Indi, Milanca Cabral de Brito, Núria Glauciana Barros da Silva, Patrícia N`zale, Sara Fortes Salvaterra e Suzete Dinis José. Cada uma delas trouxe elementos, relatos orais e aspectos importantes sobre a forma como lidaram e continuam lidando com essa experiência maternal, do ventre ao nascimento, estando fora dos países que lhes viram nascer e distantes do conforto familiar. Sem esquecer, obviamente, que temos presente nesse ensaio, as mulheres de países como a Guiné

Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola. Tratam-se, nesse caso, de determinados pormenores sobre histórias de vidas derivadas de locais e modos de ser diferentes, que apresentam pontos em comum, mas conjuntamente, existem referências específicas provenientes dessas realidades, concernentes às jovens mães identificadas nesse ensaio.

Portanto, estamos diante de um empreendimento narrativo escrito e visual, baseado em transcrições de textos orais e fotos, que preconizam uma pluralidade de vozes, linguagens e distintas maneiras de percepção do protagonismo feminino dentro do quesito «tornar-se mãe e estudante», cujas riquezas acabam por transformar esse ensaio numa espécie de "guardador de memórias" em um determinado tempo e espaço, certamente, muito pequenas quando comparadas com as dimensões das realidades vividas por essas jovens mães, ao longo das suas trajetórias pela UNILAB.

1. "uma abertura na nossa barriga que você abre e tira"



Fotos: Lauro José Cardoso (2019)

Vamos começar o nosso ensaio, literalmente, do «começo» com Aua Cassamá de 27 anos, natural da Guiné-Bissau, estudante de Ciências Sociais, que já concluiu o bacharelado em Humanidades pela UNILAB. Nos seus relatos, Aua começa por dizer o seguinte: *eu lembro que quando eu tinha 15 anos eu tava a conversar com a minha mãe, aí eu perguntei: porque eu vi um...um livro de cirurgia e tal de cesariana...de não*

sei quê por aí, e eu fui vendo, fui vendo, achando que bebês nascem, assim, tipo tem uma abertura na nossa barriga que você abre e tira...tira neném!

E quando a minha mãe...quando eu fui perguntar pra minha mãe, ela me falou como nenéns nascem e eu...eu surtei, eu disse...hehehehe eu não quero, eu não vou ter filho nunca, então ela me falou...agora você ta dizendo isso mas mais tarde você vai sentir esse desejo, esse amor de querer ter uma pessoa na vida...e aí foi passando o tempo mas, e quando saí, da Guiné...foi quando eu tinha 25 pra 26...vim pra Brasil...aí só fiz (hahaha)...só fiz duas semanas em Brasil já na terceira semana eu já conheci o meu parceiro que é Lauro...aí a gente começou a namorar, passando um tempo...eu...no descuido eu fiquei grávida.

Aí quando eu fiquei grávida, bom, nem sabia que tava grávida...sentia certos sintomas como eu sou uma pessoa que sofre dor de estômago, eu achava que era só aquilo, então passado tempo, ele mesmo suspeitou...e foi comprar o negócio...o...como é que é memo...ele comprou teste de gravidez e aí eu fui fazendo e...acabamos por descobrir que eu tava grávida. Então, foi todo aquele processo e tal...no início era...o...a gente não sabia, a gente ficou pensando como seria, como vai ser e tantas coisas mudar...assim, um desespero porque a gente não tinha programado...até contando que a gente é estudante, tamos longes dos nossos pais, somos de países diferentes e tal...e sem contar com aquele desenvolvimento, não sei, dentro de mim, que...assim, fisicamente tava dentro de mim e psicologicamente tava na cabeça dele, então foi, foi bom e depois ele nasceu e trouxe tantas coisas pra nós e ta crescendo a cada dia e...por aí!

na minha infância...vou dizer, as partes que eu não lembro, a minha mãe dizia que eu era uma criança muito alegre, que só chorava quando tava com fome...e que quase todo mundo quando me via, tinha aquele prazer de me querer segurar, de querer levar, houve uma vez que até uma amiga me pegou e foi para uma outra cidade comigo...e aí quando o meu pai chegou viu que eu não tava em casa se chateou com a minha mãe e...por aí! Depois, depois quando eu fiz 5 anos...a mulher do irmão mais novo do meu pai...me...me...tomou pra, pra criar...a minha mãe me levou...então eu fui criada pelo meu tio, pela mulher, mulher do meu tio, que é o meu tio também nesse caso...digamos assim, eu...a experiência que eu tive nessa criação...com eles, hum, espero que, que o meu filho não tenha o mesmo, eu recebia digamos assim, boa educação, mas faltava certas coisas como coisas que é da infância, que era ter mais acesso às outras crianças, eu não tive, quando eu tou em casa, só tou eu, mulher do

meu tio, meu tio e as empregadas. Eu não, não tinha acesso a saída, para ir brincar com as outras crianças.

Eu só tinha acesso às outras crianças na escola, então, no caso do Okiri, meu filho, eu...eu penso fazer ao contrário...deixar que ele viva a infância dele, que ele tenha acesso às outras crianças, que ele brinca com as outras crianças, que brinca das coisas que ele gosta, entendeu?! De...ou seja, digamos que, além da escola também teve uma...uns momentos quando...em todos os anos eles normalmente costumam ir pra Lisboa, Portugal, de férias, pra fazer tratamento e tal...então, nesses períodos que eles viajam, eu tenho a tendência de sair de capital Bissau, pra ir pra...tabanka, aldeia do meu pai, aldeia deles que é Binar, ali, sempre que eu vou pra lá, eu tenho assim, lá tem um monte de crianças, tem brincadeiras que a gente faz, tem momentos que os mais velhos ficam contando histórias pra gente...ou nós mesmas contando um ao outro histórias, tem brincadeiras que a gente faz que é bater as palmas, fazer escondidas e tal. Eu consigo me interagir e curtir o que eu posso dizer a minha infância, mas no momento que eu retorno pra cidade tudo isso se fecha! Essas portas fecham pra mim!

E...gostaria que, com Okiri seja muito diferente, que ele interage e eu poder...brincar com ele, essas brincadeiras que eu conseguia brincar com as outras crianças, que eu interagia com as outras crianças...e aí, ensinar pra eles essas brincadeiras que eu acho muito legal, pra ele não ter só o vício de...de passar por aquilo que eu passei e de estar só em casa, de querer estar só em computador, ou jogar esses brincadeiras on line...ter um vício de não interagir, ter problema de interagir com as outras crianças, a ter essa interação só na escola...dá um pouco de tempo pra ele, pra brincar às escondidas, bater as palmas, contar as histórias, adivinhas e tal...essas poucas brincadeiras que eu conseguia...que eu consegui fazer, brincar na minha infância.

Das brincadeiras, eu gostava de esconde-esconde, que você escondia e a pessoa tinha que ir procurar e pegar quase todo mundo. E, também tem um que, é a malha, que é de acertar, de jogar uma pedra em casinhas e pular nessas casinhas sem tocar na risca, também tem a cabra cega que, amarram, que vendam os olhos pra você procurar, apanhar as outras crianças, e tem um que é 35, que é, que é uma casinha que é quadrado também, e nessa casinha tem os ângulos, desses ângulos e ângulos, contando até chegar 35 e que chegar no meio, chamando 35 você ganha o jogo. Tem bater as palmas que vocês vão cantando as músicas e...fazer assim duas filas, aí é como

se fosse uma computação, onde vocês vão batendo as palmas, tocando a música, depois saí uma pessoa da fila pra se desafiar!

Então, eu acho que isso é muito importante pra, pra transmitir às nossas crianças hoje em dia...e falando um pouco também da experiência de ser mãe, junto com agilizar o estudo com a idade de "mulher" é muito difícil, super super difícil, e apesar que é cansativo e um pouco stressante também ao mesmo tempo é gostoso né. Eu acho que o sentimento que a gente sente pelo que é nosso, pelo que veio de nós, acaba superando todas essas dificuldades, que é gerenciar um estudo com ele, sem contar com as condições econômicas...então a gente não tem como pagar uma baba pra ficar com ele, então temos que agilizar nos horários de ir pra aula. Lauro vai, tem dias que, se ele tem aula à tarde, então, eu não vou ter, ele tem à noite, eu fico à tarde pra cuidar dele, ou a gente pede pra alguém ou terceiras pessoas pra, quando os nossos horários coincidem, pra ficar com ele.

Então, tem disso, você tem neném em casa, você precisa estudar, e fazer os trabalhos pra enviar, precisa ler os textos pra aula, vai estar na aula e ele com outra pessoa e você se preocupando, às vezes acaba não passando aquele tempo prestando atenção, preocupação de querer mandar mensagem pra saber se está tudo bem se não deixa de ter...é assim, mas mesmo assim com todas essas dificuldades a gente continua ganhando força pra dar o nosso melhor em termos dos pais que a gente é, pra dar uma educação melhor pra ele. Eu acho que a existência dele nos deixou ainda mais forte, ainda mais guerreiros, firme na luta com todas as dificuldades, tentar quebrar as barreiras da dificuldades, pra nos formar, um dia arranjar emprego, dá a ele uma boa educação, todo carinho, todo mimo, transmitir coisas boas que a gente sabe e...por aí.

Aí dando o nosso melhor, tanto eu como ele, a gente quer que ele cresce com saúde, que amanhã seja um homem que gozou da sua infância, homem que aprendeu dos pais, das mães...a criança não é só nois que acaba dando a educação né, que acaba interagindo na vida dele, também tem outras pessoas, próximos de nós e tal, a sociedade e tal, aí eu desejo que ele cresça com saúde, que interaja com as demais crianças, com a sociedade, que seja um garoto amanhã humilde, simples, digno, responsável, que vai respeitar os outros e que respeita a si, respeite os outros e que os outros também lhe respeita, entendeu?! Que seja um rapaz forte como a gente ta sendo agora ééé...é isso!

2. "eu tive meu filho, aí vim pra cá deixei ele pequeno"



Fotos: Lauro José Cardoso (2019)

Para Dairine Carvalho de 27 anos, natural da ilha de Santiago em Cabo Verde, licencianda em Pedagogia e bacharel em Humanidades, ao tecer as suas memórias quanto à experiência maternal, a saída do seu país de origem e convívio com o seu filho Kauê, ela realça que: *é um pouco complicado né, porque eu tive meu filho, aí vim pra cá deixei ele pequeno...então eu digo que não fui mãe dele assim por muito tempo até agora que ele veio ficar comigo. Então eu tou aprendendo a ser mãe, ele também ta aprendendo a me respeitar enquanto mãe, ta aprendendo a me obedecer enquanto mãe...os dois estão nesse processo de aprendizagem, de saber lidar, saber conviver um com outro...que afinal de contas eu deixei ele pequeno...então esses 4 anos que ele ficou, ficou com a minha mãe. Então ele chegou agora vai ficar aqui comigo e é uma outra realidade, um outro lugar, outra gente, outra casa, outro ambiente, outras pessoas que ele ta convivendo, mais ao mesmo tempo que ta sendo difícil, ta sendo uma experiência muito boa...porque eu acho que o meu filho precisa de mim nesse momento...então estar perto, estar junto, vai ser muito bom, pra mim e pra ele, pra mim principalmente enquanto mãe...eu não tive tempo pra aproveitar o ser mãe!*

Então, eu tou aproveitando isso agora, aprendendo muitas coisas! E fácil?! Fácil não ta sendo porque afinal de contas a minha rotina mudou totalmente, antes eu podia sair, podia ir pra qualquer lugar a hora que eu quisesse, voltar a hora que eu quisesse, então agora tem uma criança, então muitas coisas que eu fazia antes, não que

eu deixei de fazer mas assim tou me restringindo né, tou querendo aproveitar o momento que eu perdi praticamente da vida do meu filho, aí quero aproveitar agora.

Tento ir onde eu consigo levar ele, ficar o máximo de tempo possível junto com ele, pra dar todo meu amor que eu não pude dar nesse últimos anos...e que eu acho que uma coisa é ser mãe aqui e outra coisa é você ser mãe e ter uma criança fora, duas coisas totalmente diferentes, porque quando eu tava aqui ele tava lá...eu era sozinha e era mais independente, em termos de sair, em termos de fazer muitas outras coisas mas agora com ele não...tenho que pensar nele, tenho que pensar o quê que eu vou cozinhar, comer, me limitar em fazer certas coisas...ah não posso fazer isso porque tou sendo um exemplo pro meu filho...então tou me controlando assim em vários aspectos da minha vida...e com a chegada dele...sei lá...mudei assim um pouco, que tou tendo mais vontade de cuidar de mim, tipo psicológico e fisicamente também...então tou tendo mais vontade de estudar, de fazer minhas coisas...e eu acho que esse é o momento certo pra ele estar aqui junto comigo, e pronto eu estou nessa fase, momento de aprender a ser mãe!

Então, Kauê se deixar, ele fica o tempo todo no celular jogando ou vendo desenho, mas quando ele não ta fazendo isso aí ele brinca com os brinquedinhos dele, tem alguns jogos que eu brincava na minha infância, que ele também já sabia brincar em Cavo Verde aí a gente brinca...e hum...ele gosta de desenhar então é uma coisa que a gente tem em comum...hehe, não que eu saiba desenhar mas eu gosto de ficar no chão desenhando com ele, é uma coisa que a gente gosta de fazer junto...ficar folhando livros também que acho que é uma coisa que ele herdou de mim, que desde pequena eu sempre gostei muito de livros, mesmo antes de saber ler eu ficava folhando livros não sei quê...aí ele gosta de fazer isso também, então eu tento incentivar mas as brincadeiras tem algumas sim que a gente faz junto, que eu fazia na minha infância que eu faço com ele hoje!

3. "vale muito mais a pena a presença do que o presente"



Fotos: Lauro José Cardoso (2019)

Edsana Santos nasceu em Cabo Verde e é natural da ilha de Santiago, 25 anos, possui licenciatura em Letras pela Unilab, atualmente é professora de Língua Portuguesa e conta como tem acontecido e tecido as suas experiências enquanto mãe fora de "portas", embora com o tempo você se acostuma e arranja outra família e «zona de conforto»: *a minha experiência foi...assim, a primeira vez, na verdade teve mais inexperiência do que propriamente experiência, tiveram momentos bons e outros não bons mas que com o passar do tempo aprendemos a contornar. E...o ser mãe...pra mim foi uma experiência boa, claro que teve várias dificuldades mas no geral foi uma experiência muito boa...os primeiros dias do pueril, pós-parto foram bastante complicados, foram os mais difíceis pra mim, pois, contava com muita inexperiência, não tive quase ninguém me apoiando...uma mãe, uma avó, uma tia...nada disso. Tive a avó de Luna mas ela não era minha mãe, trabalhava e tal, então, era mais assim: ajudava assim com as coisas mais precisas, mas o apoio essencial e fundamental que eu tive foi de Lucas, o pai de Luna.*

Excelente pai por sinal, só ressaltando, desde o primeiro momento quando soubemos da gravidez, partilhamos, absolutamente todos os momentos juntos, do começo ao fim...é assim, no pueril ele teve absoluta importância, principalmente nos primeiros dias de alimentação, que estavam bem dolorosos pra mim...muito difíceis...ele quem levava pra tomar banho, dava comida...ajudava a botar roupa...essas coisas que precisamos sempre e fazer no dia a dia...só que nesses dias do pueril...ponto e dor e essas coisas ficam mais difíceis...as atividades sempre ficam difíceis, então ele

sempre teve ali do meu lado, me apoiando em tudo...o que eu acredito que tenha facilitado bastante...e passei por um momento bem delicado, logo após 15 dias.

Eu acredito que pelo carregar da responsabilidade, sentir como se o mundo todo tivesse nas suas costas, apesar da inteira disponibilidade e companhia de Lucas ainda assim é complicado. Foram muito complicados esse primeiros 15 dias...teve um episódio em que perdi a memória completamente foi indícios de tensão pós-parto porque eu estava bem assim preocupada com a responsabilidade, tudo novo, a criança dependente de mim, de absolutamente tudo...e quando você olha para o lado e não tem assim tantas pessoas pra te acalmar e te dizerem que vai dar tudo certo, aí você acaba que meio assumir as responsabilidades...e assim aquilo acabou por me afetar psicologicamente, mas assim até nisso, foi Lucas quem deu razão, quem ficou com Luna nesse momento que eu tive esse problema, ficou 100% do nosso lado nos apoiando em tudo até que eu recuperasse a memória de novo e ainda bem que foi um breve instante, não foi uma coisa duradoura...e assim, o ser mãe e estudar, bom, tive uma sorte boa.

Quando Luna nasceu logo depois foi o recesso, teve 3 meses de férias e depois das férias, supostamente deveriam começar as aulas só que não começaram foi...teve uma paralisação, uma greve que...não estou recordando muito bem sobre o que era...e então ficaram, foram mais 2 meses em casa, então no total, eu fiquei praticamente 6 meses com Luna em casa e após 6 meses ela já podia comer e outras coisas além de mamar no peito.

Então foi assim tranquilo...eu ia pra faculdade de noite e ela ficava com o pai, enquanto isso de manhã o Lucas também tava aqui o tempo integral quando eu precisava estudar...sempre foi muito nós os dois, por isso ele sempre esteve do nosso lado, sempre! Então vão ouvir muito o nome do Lucas nos audios, hehehe...assim, ele foi de fundamental importância, ele ficava com Luna pra eu estudar, pra eu tomar banho, na faculdade, pra fazer extensão, pra estudar, pra fazer tudo que eu precisasse até porque no momento ele não estudava. Até aí, tudo bem, foi que logo depois, ele começou a estudar no mesmo período que eu, a partir daí as coisas começaram a complicar um pouco porque eu tinha que levar a Luna pra faculdade e era aquilo né, levava a criança de 8 meses que já tava começando a engatinhar e a pendurar nas coisas pra faculdade, não parava quieta um minuto, aí eu levava ela pra ficar um pouquinho com o Lucas, pra assistir uma aula, Lucas levava ela pra mim e ficávamos nesse intercâmbio e nesse meio-termo, tive amigas que me ajudaram bastante...como Emily, Sara, Elizangela, elas 3 principalmente, sempre pegavam Luna pra me ajudar a

fazer provas e assistir aulas e outras coisas...então assim mesmo tendo algumas complicações eu tive ajuda de algumas pessoas que facilitaram para que as coisas não ficassem ainda mais difíceis...aí depois eu comecei a escrever o TCC, Luna tinha menos de um ano e tudo aquilo né!

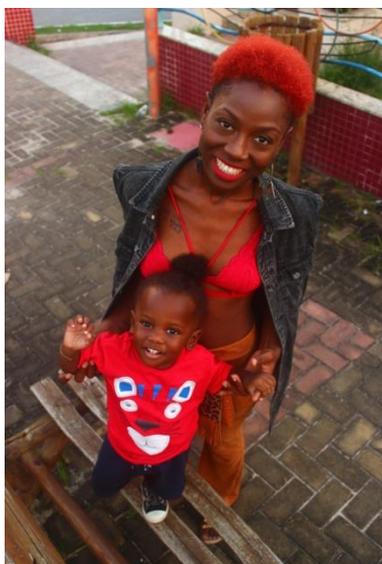
O TCC exige total concentração, total compromisso com ele, aí eu senti necessidade que alguém ficasse com ele o tempo inteiro, ou pelo menos quando eu precisasse sempre, porque nesse meio tempo que eu tava escrevendo TCC, Lucas estudava de manhã, às vezes de manhã, de tarde e de noite...então tinha dias que ele passava o dia todo na faculdade, eu tinha que ficar o dia todo com Luna e escrever o TCC, ler e toda essa exigência...foi mais difícil nessa parte e logo após isso consegui escrever o TCC, apresentei e logo depois me formei e ela se formou junto comigo, hehehe...eu sempre falo que ela fez a licenciatura antes do fundamental e todos os outros bebês das outras mães, não só da Unilab como de todas outras universidades vão ter uma licenciatura antes mesmo da alfabetização e no geral é isso, foi isso...teve os seus momentos de percalços e de obstáculos mas também teve muitos momentos bons de aprendizado e de acreditar mais em mim e do que eu era capaz, do que eu sou capaz!

Nesse momento assim, estou sentindo bastante falta de um tempo entre eu e ela, pois comecei a trabalhar em Abril em tempo integral, das 7h da manhã às 5h30 da tarde em Santo Amaro, Luna ainda ta dormindo, chego em casa já quase 7h da noite, já acho ela bem cansadinha, desanimada...então a gente praticamente não passa mais tempo juntas, brincando, conversando e outras atividades...principalmente Sábado e Domingo, às vezes eu uso pra fazer plano de aula ou para arrumar as coisas em casa e fazer aquilo tudo, então estou sentindo bastante falta disso nesse momento e pensando no bem estar dela e no desenvolvimento dela...assim estou pensando se realmente vale a pena sacrificar esses momentos por dinheiro, digamos assim, por mais que precisamos de dinheiro, nossos filhos são mais importantes, e esse momento que passamos com eles dinheiro nenhum compra, mas ao mesmo tempo quando você pensa no mundo capitalista do jeito que é, você precisa de dinheiro pra dar a ela uma boa educação lá na frente.

Então, assim, você bota na balança as coisas, acabam tendo o mesmo peso...então você fica entre a cruz e a espada...mas, vamos tentar levar até o máximo que der e se eu ver que isso está comprometendo muito o nosso relacionamento, eu prefiro muito mais ter minha filha se desenvolvendo muito bem, tendo uma proximidade

do que me entregar às atividades laborais. E lá na frente eu não sei se ela vai se lembrar desse sacrifício que estou fazendo por ela. Eu tenho certeza que ela vai se lembrar sempre dos nossos momentos juntas com o pai também...vale muito mais a pena a presença do que o presente. Então, assim, você fica meio que balanceando qual o melhor a fazer...no momento eu não penso de jeito nenhum abrir mão dos trabalhos, nenhum deles mas lá na frente depois que eu conseguir uma certa estabilidade, quem sabe eu possa ficar mais em casa pra cuidar mais dela, ter mais tempo com ela e no geral é isso, nossa vida hoje é essa!

4. "a minha infância reflete muito hoje em dia a pessoa que eu sou"



Fotos: Lauro José Cardoso (2019)

Natural de Bissau, Kadija Turé de 26 anos vem da Guiné e chegou aqui no Brasil para continuar os seus estudos, seguindo a área de Letras, na qual já é licenciada, e segue caminhando com a sua vivência enquanto uma jovem mãe guineense e africana aqui em São Francisco do Conde: *no caso, a criança que eu fui...tipo, a minha infância reflete muito hoje em dia a pessoa que eu sou pelo fato de eu ser mãe agora. Eu tive uma infância muito difícil...éee, não cresci com a minha mãe, éee meus pais separaram quando eu tinha 7 anos...e, tipo, crescer sem uma mãe é uma coisa mais difícil tipo que existe. É tipo, fora o caso de eu ser mulher tipo menina, sem uma mãe que tipo ia ajudar a crescer, ia precisar da mãe, do conselho, de muita coisa! E eu não tive isso, e tipo lá pra quando eu ia virar adolescente, tipo bem antes que isso, acho que, com uns*

8 ou 10 anos pra aí, antes de chegar aos 12 ou 13...eu já sentia que era tipo que mãe dos meus irmãos mais novos, sabe?! Que eu que...era menina, que eu tipo achava que tinha que cuidar deles, que eu que tinha que saber das coisas...entre outras coisas! Eu acho que tipo não fui uma criança feliz...eu acho! E hoje em dia tipo, isso me preocupa bastante porque eu não quero de jeito nenhum que o meu filho tenha uma infância tipo igual ao que eu tive...às vezes eu acho que fico meio que tipo, primeira coisa parece meio que um trauma que eu carrego...e que, eu sinto medo de isso influenciar no jeito de eu educar meu filho sabe?!

De não fica assim tipo "Ah você não vai fazer isso porque eu já passei por isso!". Não vou fazer isso com o meu filho porque ele nunca fez isso comigo sabe?! E dizer que está errado tipo uma coisa que só eu vejo e sei...é complicado. Sim, na infância tipo eu não brinquei muito assim...tipo as brincadeiras que tinham lá em Guiné, tipo bater palmas, esconde-esconde, essas coisas...eu não brinquei muito porque o meu pai não me deixava sair, ele foi muito ciumento, ele era ciumento comigo desde infância até crescer.

Ele não queria que eu brincasse com meninos, nem com vizinhas, nem com tipo com ninguém, tipo o tempo todo eu tinha que ficar em casa aprendendo alguma coisa...éeee não podia nem ter amizade assim com crianças do bairro, só brincava com os meus irmãos, eu comecei a brincar tipo as brincadeiras de criança, bem velha, já era uma adolescente dentro de casa, brincadeiras tipo que os meus irmãos e minhas irmãs mais novas brincavam...fora a escola. Agora no bairro eu tipo não tive muita, não tive uma infância assim tipo alegre sabe aquela coisa! E eu como mãe hoje em dia, sei lá, hehe, é uma coisa maravilhosa mas que eu tipo vivo com muito medo sabe?! Medo de errar, medo de não ser boa o suficiente, medo de...não ta fazendo alguma coisa certa sabe?! Muitos medos!! Entre amor...e amor, hahahaha! É, e tipo: experiência como mãe...solteira, como você falou uma vez todo mundo é mãe solteira, mas tipo eu sou mãe, mãe solteira mesmo!! Tipo que...que ta praticamente sozinha, tipo de criar, de...de cuidar, de fazer tudo sozinha.

É uma outra coisa, tipo às vezes você sente, não é vontade, é necessidade de alguém...às vezes você pensa né como seria se você tivesse alguém lá o tempo todo com você...onde você puder viver sua vida porque, dificilmente eu, tipo, eu acho que nunca mais vou voltar a ser uma pessoa normal...uma pessoa tipo que vai acordar, pensar tipo em tomar um banho, comer, dormir, só por si mesma assim sabe?! Tipo, o tempo todo tem que pensar tomar um banho, dá banho em alguém, penso em dá banho nele

primeiro do que em mim, hehehe...é isso, é estranho! Sim, às vezes é complicado falar sobre tipo...minha infância, adolescência porque eu passei por muita coisa, sim, algumas coisas bem pelo fato de tipo, eu, eu tava lá sem uma mãe sabe?! Com um rosto bonito hehehe, assédios, violências, eu passei por muita coisa...realmente tipo, é, nunca fui violada assim sexualmente, mas fui muito assediada e tipo, todo mundo sentia necessidade tipo, de querer mandar em mim, dá palpite sobre a minha vida tipo me educar de algum jeito, falar o que eu tinha que fazer, como eu tinha que ser, como eu tinha que crescer sabe?! Porque o meu pai não ficava muito em casa, aí tinha primos, tinha primas, tinha madrasta...tinha tios, sabe?!

Que chegavam tipo achavam que "Ah que tipo sou preferida do meu pai" tipo que meu pai não tava me educando, não tava me educando certo, é porque eu sou muito mimada, porque eu sou aquilo, tipo a pessoa ia lá e tinha que falar o que eu tinha que fazer, ou sei lá, as pessoas falavam que eu fazia muita carreta com gosto, eu apanhei de uns dos tios, tipo dos primos, é tipo, não podia falar pro meu pai, não podia falar com a minha mãe e tem coisas que eu falava e tem coisas que não tinha como falar...éee complicado!

E tipo, depois que eu comecei a crescer, tipo querer namorar e entre outras coisas, meu pai não me deixava sair, não podia nem ter celular, não tinha festa, não tinha parque de diversões pra mim, não tinha nada, não podia fazer nada!! Eu tinha que...o tempo todo eu tinha que estar em casa, ele não podia voltar do trabalho e não me ver em casa, e tipo eu era a mais velha dos irmãos lá, mas a pessoa tipo que ele se preocupava mais era eu, tipo todo dia ele podia fazer tudo menos eu, tinha um monte de regras na minha casa mas a pessoa que tinha que cumprir essa regra tipo se não cumprisse ia acontecer alguma coisa era eu. Meu pai nunca bateu em nenhum dos meus irmãos, nunca! Somos, a gente era, morávamos 6 em casa, depois ele foi ter mais 2, sim.

E eu apanhava praticamente todo dia mas o resto do pessoal, tipo ele nunca levantou a mão para nenhum deles, não porque eu nunca fui uma criança que mexia muito, por causa de ciúmes mesmo, ele voltou tipo eu não tava em casa saí porque ele não queria, essas coisas...ele me via conversando com algum menino ele não gostou...e entre outras coisas, minha madrasta tipo se incomodava, tipo, agora eu entendo isso, que tipo meu pai, mostrava preferência, demonstrava que gostava mais de mim, se preocupava mais comigo, e aquilo incomodava ela...e eu acho que tipo, por isso, a minha relação com ela foi meio que uma relação de...duas rivais, meio que a gente

ficava disputando a atenção do meu pai, meio que eu não estava disputando a atenção dele mas que ele dava muita atenção por mim, e ela não gostava disso e entre outras coisas.

Foi horrível! Tipo quando eu fui crescer virar uma mulher, tipo tornar adulta, aquilo refletia muito em mim, tipo tinha um ódio e não consegui mais obedecer...não fazia mais nada que ele queria porque eu já tinha consciência de que aquilo era errado e foi horrível, tipo ele me batia muito...tipo aí eu comecei a namorar com o Chito né, aí pronto, eu tava apaixonada, não obedecia mais, "ah você não podia sair", eu saía! Tipo ia né, tipo voltava apanhava de boa, tudo bem, de boa, ele sabe, hehehehe!

E...nisso aí, tipo fora que eu cresci, ele ficava o tempo todo falando mal, tipo eu nunca vi meu pai falando uma coisa boa da minha mãe, falando que a minha mãe era burra, ele não queria que a gente mantesse contato com a nossa mãe, tipo que a nossa mãe não era do nosso nível social, que minha mãe não tinha emprego, nenhuma formação sabe?! E, entre outras coisas, não queria que a gente ficasse...a gente não ficava com a nossa mãe! Tipo foi uma coisa que eu descobri recentemente, tipo eu já sabia que ele tirou os documentos, registro, essas coisas todas da minha mãe...eu não fazia ideia que até cartão de vacina, tipo, que é que bebê tem, que a primeira coisa que o bebê tem, sabe?! Que a mulher tem desde a gravidez, que até isso ele tirou da minha mãe, sabe?! Porque, pra minha mãe não poder ter nada...não ter nenhum jeito de um dia por exemplo querer ficar com a gente, sabe?! Eles começaram juntos, não tinha nada os dois, eles eram jovens ele trabalhava minha mãe tava estudando, ela tinha 17 anos só, ele era muito mais velho que ela.

E aí foram casar, minha mãe terminou o ensino médio, tipo ela conseguiu emprego, ele disse que não que ela não podia tá trabalhando, a minha mãe não se formou...e pronto, ele tava trabalhando lá, tava tudo de boa, e tipo nisso ele começou a...tipo que as coisas começaram a melhorar da parte dele e tal...mas tudo eles foram conquistando juntos assim...mas quando terminaram minha mãe tipo aquela coisa de mulher tipo sair de casa levar os móveis e essas coisas...ele foi prestar queixa no tribunal pra minha mãe devolver tudo...que ela não podia porque não era dela, tipo uma mulher que você casou, bem nova, tipo tiveram três filhos, e tipo quando eles foram, quando casaram, só tinha uma cama, uma mesa, uma TV, e tipo depois construíram uma casa grande e com tudo lá dentro, tipo e várias coisas, não era ele, não foi ele que comprou, mas minha mãe teve que devolver tudo só porque minha mãe não tinha um emprego...tipo, mesmo que falasse que fui eu quem comprei isso mas você

não trabalha o dinheiro é dele ele é que te dá sabe?! E a minha mãe deixou assim...até as jóias. Tudo, tudo, tudo, tudooo!!

Então tipo tudo isso, e depois quando eu fui crescer, começar a entender as coisas, meio que eu sentia um ódio assim por ele, tipo eu não queria mais ficar com o meu pai, queria ficar com a minha mãe, como todo mundo sabe! E ele não deixava e me matava de ódio...eee, eu só queria tá lá tipo pra quando minha mãe quiser varrer a casa dela pra varrer pra ela sabe?! Por ela, pra ela não ficar...minha mãe sempre alugava um quarto só porque ela não tinha emprego, não tava com nenhum dos filhos também...ficava viajando assim fazendo comércio, pegava uma coisa lá vendia em Guiné e é isso. Aí alugava uma casa pequena e tipo tinha que ter uma empregada, apesar de a gente sempre estar com o nosso pai, minha mãe que pagava lavadeira pra gente e dinheiro pra gente comprar lanche, tipo pra eu comprar absorvente, perfume, essas coisas, era ela...meu pai também dava tipo eu tinha que "Pai eu preciso de absorvente, pai eu preciso daquilo, preciso fazer meu cabelo", mas como é mais confortável falar sobre isso com a mãe né, minha mãe não deixava de fazer, tipo sempre tava lá ligando pra ela, contar minhas coisas, mesmo com dificuldades ficava assim...celular era ela que comprava pra mim, roupas, essas coisas, pronto!

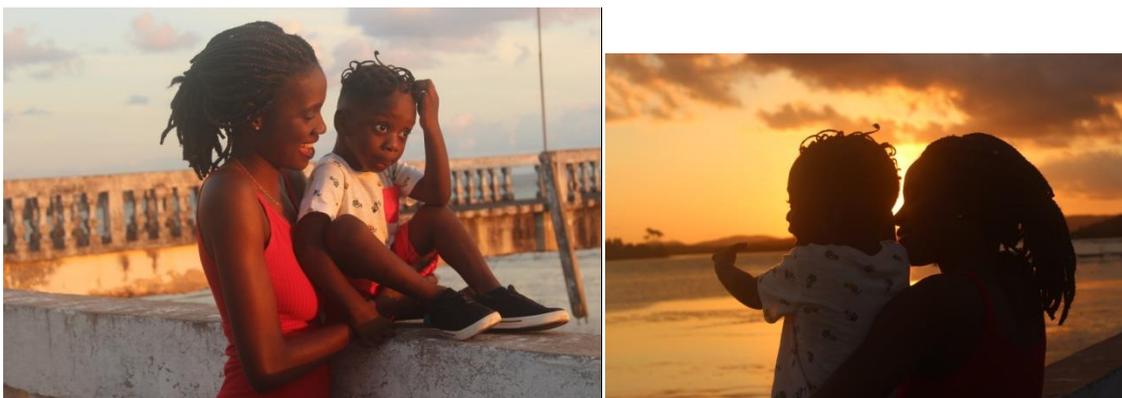
E quando eu fui crescer, eu não gostava mais daquilo, eu queria muito ser, sei lá...depois que eu cresci eu percebi os abusos e essas coisas assim tipo eu morria de ódio e eu nunca ééé...tipo a mãe que hoje sou, eu não estava preparada pra ser mãe e tipo meio que eu tava com esse trauma assim de ter uma família assim bem diferente que eu tive...que lá na infância eu era bem próxima do meu pai...eu me lembrava que tipo todo mundo falava que é porque ele chegava do trabalho e eu era a pessoa que ia contar tudo que aconteceu lá em casa, mas quando eu fui crescer isso acabou, tipo, a gente, eu não tinha uma boa relação com o meu pai...a gente só conversava sobre o necessário...tipo pai eu preciso de um texto, preciso de dinheiro pra comprar um texto da aula pra tal disciplina, pai hoje eu tenho que fazer isso, pai eu preciso de absorvente, pai eu preciso de perfume, essas coisas...ah, pai eu preciso sair para algum lugar, aí a resposta é sempre não, sabe?!

E é isso tipo eu ficava assim tipo pensando nunca queria uma família igual ao que eu tive...ah tipo isso refletia muito no meu relacionamento, eu não queria terminar porque eu não queria que meu filho crescesse separado de um dos pais, queria que ele tivesse uma mãe e um pai lá o tempo todo com ele, pra ele não ser, pra ele não passar por aquilo que eu passei e isso me deixa com medo até hoje, tipo em todas decisões que

vou tomar...eu tenho que ser corajosa, tenho que ser tipo uma mulher que nem minha mãe que tipo que terminou um casamento de muitos anos, depois de 3 filhos, seguiu a vida dela sabe?!

Independente!! Sem depender de homem nenhum, hoje é casada e ainda sim tipo, ela que resolve as coisas dela, nunca mais voltar a depender de homem nenhum na vida, depois do que ela passou...e tipo apesar de tudo, da história da vida dela e entre outras coisas, é uma pessoa muito feliz sabe?! E eu nunca vi minha mãe assim triste, tipo porque sempre tem aquelas coisas que as pessoas apontam assim "Ah ela é assim porque ela passou por muita coisa na vida", minha mãe se ela não te contar o quê que ela passou você não vai saber porque nela não tem aquela coisa de tristeza, de alguém que sofreu muito sabe?! E é isso...e eu tento, tô tentando seguir nessa perspectiva aí!

5. "aceitei esse desafio, agora ele já está mais ou menos com 3 anos"



Fotos: Lauro José Cardoso (2019)

Manuela Gomes Pereira, bacharel em Humanidades e Relações Internacionais, nascida em Ingoré na Guiné Bissau, de 25 anos, conta e dialoga sobre a sua narrativa maternal, estabelecendo ligações com a sua infância. Levando em consideração o fato de: *como a minha mãe era jovem, era primeira gestação não tinha experiência de como cuidar de criança, aí a minha avó pediu para que ela viajasse para o interior para ter, aí ela me teve lá em Ingoré, fez um mês nós voltamos pra Guiné. Gente morava no bairro de Reno, que é um bairro super conhecido, todos os guineenses aqui conhecem...eu cresci como qualquer outra criança apesar de não ter irmãos, outros irmãos com que eu possa brincar...sempre tive pessoas bem próximo, primos vizinhos*

porque lá é tipo uma moranço, mora muita gente, a gente mora quase num quintal que dá pra frente doutra casa.

Eu tive sempre uma infância bem juntinho com outras crianças também, e isso proporcionou algo muito bom, porque ao mesmo tempo que eu não tinha irmãos, eu me sentia que eu tinha ao mesmo tempo...então eu cresci basicamente assim dessa forma como qualquer criança...à noite, a gente fazia várias brincadeiras, durante o dia era a mesma coisa, várias brincadeiras entre a gente lá com as crianças, era banana, esconde-esconde, bater a palma, jogar 35, jogar a malha, era basicamente o nosso dia a dia, a gente fazia para se divertir, como não eramos adultos, não podíamos fazer aquilo que os adultos podiam, então era o nosso dia a dia...e eu me alegrava em fazer isso, achava um máximo, então, depois com os 7 anos, a gente se mudou para o bairro de Belém e tive que me readaptar porque eu já tinha outro convívio e eu já conhecia outras pessoas, chegando no bairro de Belém eu tive que me adaptar porque eu não conhecia ninguém e tive que fazer novas amizades. Eu saía todos os dias do bairro de Belém para Contun para estudar.

Então a minha rotina era basicamente isso, ia pra escola de manhã, durante a tarde, brincava com os meus colegas, era mesma brincadeira que eu brincava lá no bairro de Reno apesar de uns terem sido diferente porque a minha idade também já não era a mesma quando eu saí do bairro de reno para Contun...era basicamente isso, às vezes a gente saía da nossa zona que era mais coiso para ir na zona do outro bater a palma, era tipo um concurso. Vêi quando tinha aquilo, eu usava, todo mundo usava melhor calcinha que tiver, porque chegava aquela hora de mostrar calcinha, você tinha que mostrar que tinha calcinha bonito, aí heheh, e quando chegava lá em casa a minha mãe falava, "Manu, você não vai deitar, tem que tomar banho, quando você ia ter que tocar palma, você tinha que tirar sapato pra descalçar, para dançar melhor"...aí quando eu chegava lá em casa ela me colocava para tomar banho, era parte que eu menos gostava...o que me marcou muito lá no bairro de Belém era história que passava no rádio, tipo era sessão, eu acho que era segunda, quarta, sexta, era uma coisa que eu não me lembro...só sei que não era todos os dias, não era todos os dias, tinha certos dias, isso fazia que a gente se juntasse tipo tínhamos as nossas coisas que fazíamos diária, ir pra escola, chegar brincar, fazer dever de casa, mas à noite a gente se concentrava no quintal, era todo mundo, porque a minha vizinha tinha um rádio grande de oito pilhas, hoje em dia não vejo mais, e aí colocava, colocava no quintal, e todo, e a toda criança saía pra brincar, para ouvir a história.

Velho é a parte mais lindo que eu gostei da minha vivência lá em Belém, coisa que mais me marcou porque não existe mais, não existe mais essa interação porque depois da história a gente fazia uma brincadeira, era de costume, às vezes não tinha nem bateria para colocar no rádio, a gente procurava no lixo, uma coisa assim, secava no Sol, para poder ganhar mais energia para poder escutar história a noite, era um costume...então, eu cresci 7 anos lá no bairro de Belém, depois dos 7 a 14 anos eu acho...depois foi assim, eu fiquei mudando de bairro por conta da minha mãe que era mãe solteira, não tinha...ela se virava, onde ela achava melhor que a gente podia se morar, a gente mudava e morava. Então a minha infância foi basicamente isso, depois estudei o ensino médio, fui pra liceu, e quando eu terminei entrei na faculdade, fui fazer Economia, nos 2 primeiros anos, depois não tive meio para continuar, e vim pro Brasil. Cheguei cá no Brasil em 2014...a minha trajetória foi isso até aqui, 2016 fiquei grávida e tive o Jeferson. Eu tive o Jeferson...aceitei esse desafio, agora ele já está mais ou menos com 3 anos.

3 anos já que ele está...e eu...eu tenho uma visão muito contraditória se posso assim dizer da minha infância com a de Jeferson. Sempre eu digo que Jeferson não tem uma infância. Não tem uma infância por conta da nossa rotina aqui na faculdade! Aí não consigo...não consigo conciliar a minha vida estudantil com a questão de ser mãe ao mesmo tempo de proporcionar aquele momento de criança, de estar com os pais, diariamente, porque aquela rotina ele levanta cedo 7 horas, já preparo para ir pra creche, chega lá na creche, ou seja, de creche pra cá 4 horas, já preparo aquela uma hora porque tem que estar na baba às 5 horas porque eu tenho aula, tipo eu não vejo que ele tem uma infância saudável a relação a que eu tive, por mais que eu não tinha aquela condição básica mas eu tive uma infância saudável, eu podia brincar com as crianças, com os outros, vizinhos e tudo...ele não! Tanto que, qualquer um chegar aqui, qualquer pessoa que chegar aqui em casa, e se eu for pra outro sítio ele fica a chorar...às vezes não é chorar porque conhece a pessoa, mas chorar porque quer sair de casa...então eu acho isso muito sufocante pra ele. E...eu desejo que ele possa ter uma infância saudável, não que seja uma prisão, porque eu sinto que ele tá aprisionado ao mesmo tempo, e é isso fica na TV toda hora, celular, tipo uma coisa que eu não tive...às vezes tento falar não as gerações são diferentes, mas tipo não consigo, às vezes eu quero que ele tenha o mesmo que eu, não sei é meio coiso, mas é isso...é isso. Eu vejo que de lá pra cá tem mudado muita coisa...eu não posso nem comparar, muita coisa!

Coisa que a gente fazia antes já não faz mais sentido para essa geração! Então é complicado...quando eu cheguei aqui no Brasil eu via criança com celular...eu ficava, nossa, eu não tenho esse celular, essa criança já tem esse celular, tipo assim, hoje em dia já é outra coisa...a criança não quer ir pra roda brincar, não acha mais divertido, quer ficar no celular porque acha mais divertido com relação a uma roda, jogar malha, umas coisas assim, esconde-esconde, divertir...você não vai nem poder obrigar porque é criança também, tem os seus direitos e deveres...então é isso mais ou menos. Sim outra coisa...eu lembrava que durante a festa de natal, a gente ganhava boneca do meu avô, não era aquela boneca, era boneca branca, hoje em dia tudo mudou tem bonecas negras, nunca tive a oportunidade de ter uma boneca negra...então a gente tinha boneca, ganhava boneca todo natal, 24 a gente ganhava, os meninos ganhavam pistola de água e tudo...velho, a gente ia pra costureira, pegar o resto da roupa, esses restos dos tecidos que eles cortam, pra fazer roupa e por vezes quando não achávamos, a gente pegava, lá tem esses leites de pacote, aqui tem mas a gente cortava roupa de boneca...fazia, a gente caprichava!

Do jeito que podia improvisar, porque lá não é igual aqui no Brasil, você não tem a possibilidade de ter brinquedos, enquanto aquilo não...tem crianças que já nascem e nunca têm a possibilidade de ter um carro, uma boneca ou algo do tipo, que seja brinquedo...então a gente tenta improvisar eu e os meus primos, tentar fazer uma roda pra brincar, fazer o carro de lata, tentar abrir a lata e fazer roda, a gente tentava, eu aprendi a cozinhar através da brincadeira que a gente fazia quando a nossa empregada terminava de fazer a comida na casa da minha avó...a gente pegava o resto, de cebola, pimenta e fazia comida mesmo...velho eu aprendi a cozinhar assim! Arroz...pois no momento de férias, no período de natal vinha vários primos dos interiores pra nossa casa passar natal...então era muito, muito bom!

Tanto que hoje eu sinto falta daquela coisa, daquele natal em família...todo mundo tava lá em casa, aquela ceia familiar, muito bom. E hoje em dia, hehe, não consigo nem ter essa oportunidade de ter isso...então é isso, jogava 35 quando a gente ia pra Educação Física porque de sexta a nona classe você tem educação física nas escolas, a gente fazia várias brincadeiras ali na nossa escola...era 35, pular corda, era ser aquela coisa pega ali, pega lá...então, era muito boa...eu, eu tive uma infância boa assim...eu não sei, às vezes até chega o momento nostálgico que você fica só recordando as coisas do passado...acho bom!

E tem outras brincadeiras aqui no Brasil que eu identifico com as brincadeiras da Guiné, muita coisa, tanto brincadeira como programa televisivo que passava...eu lembrava que tinha um programa que passava lá na TV: era Todos os patinhos, que sabem bem nadar, velho acho que passava em todos os países dos Palop e essas coisas. E quando chegava 9h da noite antes do telejornal batia...a minha mãe falava pra mim: Manu você já brincou desde manhã, divertiui fez tudo que tinha pra fazer, depois dessa música é hora de ir dormir que já é 9 horas, velho eu ficava horrorizada não queria deitar de jeito nenhum...eu falava não, deixa eu assistir telejornal, eu não assistia claro, mas eu queria estar lá...então aquela era tipo um despertador pra que eu possa ir dormir, eu achava massa, muito bom, muito bom mesmo...eu digo graças a deus tive uma infância boa...Jeferson não é capaz, não ta tendo, o ambiente não é propício pra ele, não é propício, mas é assim! Assim mesmo."

6. "a criança não é um vaso vazio como a gente acha"



Fotos: Lauro José Cardoso (2019)

Quando pensamos na relação mãe e filho, é preciso levar em consideração que existe uma compatibilidade e co-influência entre ambos, e não que apenas um/uma influencia o outro, para Milagre Nanque Indi natural de Safim na Guiné Bissau, de 28 anos, estudante da Licenciatura em Pedagogia e bacharel em Humanidades: *primeiramente eu gostaria de agradecer a Deus e a Lauro em especial por esse convite maravilhoso, também pela escolha do assunto né pra gente tratar, que é muito*

relevante pra nossa vida, nós mulheres principalmente africana no contexto acadêmico né...é como eu falei cheguei aqui no Brasil em 2015, aí passado alguns meses eu engravidei agora meu filho ta com 3 anos. Eu pude falar da experiência né...como mãe, como filha, como esposa, como um tudo falando um pouco da nossa trajetória, que nós estamos passando, das nossas dificuldades e não só.

Para poder falar desse assunto eu acho que tem um pouco de muitas coisas em comum assim tão como diferente, da nossa infância, que, quando eu falo da nossa, eu tô generalizando, a nossa como mães como mulher, mas eu tenho que falar especificamente da minha infância com a dos meus filhos né, porque eu cresci numa aldeia posso dizer...a minha infância vai ter um pouco de diferença de...em termos de crescimento, em termos de educação, em termos de forma de vida, como eu vivia, como a minha mãe, as minhas irmãs, a minha família em geral, a comunidade em geral me educava, me ensinava a liberdade que eu tinha de brincar, como sabemos que a brincadeira também faz parte da infância né, eu sinto hoje com Josias que eu vi alguma diferença porque quando eu cresci na idade dele eu tinha, tipo uma comunidade em geral, colegas, crianças como eu, eu tinha liberdade de sair na casa, ficar num campo.

Num espaço assim para brincar, a gente brincava muito, fazia muitas coisas que hoje ele não tem como fazer isso né, porque como nós estamos aqui a gente fica mais fechado cada qual por si, não tem esse espaço para as crianças brincar, eu digo que não tem esse, relação entre criança, entre forma de aprender, de a criança aprender com o outro, se não for na creche...ele saindo de creche só fica com a gente aqui em casa mesmo, todo mundo é adulto, aí eu começo a perceber essa, um pouco de diferença, às vezes eu fico pensando quando eu falo que Josias é uma criança que apronta muito, que não fica quieto, muitas pessoas fala que ele é mais irrequieto em relação a outro que é o mais velho que ficou lá.

Às vezes eu fico questionar será que eles tem alguma diferença porque o mais velho ficou lá tem todo esse espaço para brincar, que não dá, ou não tem como a gente perceber da diferença se ele é do mesmo jeito todo agitado, enquanto que Josias só fica mais numa sala, corredor, num espaço pequeno, que só quase ele tem como chegar em quase todos os cantos da casa, que dá pra perceber essa agitação dele, eu fico perguntando...também eu falo que eu cresci numa educação que é...uma infância que é tradicional né...a criança tem que ééé a criança é criança como a gente sabe hehehe, quando é não é não, quando é sim é sim, a criança não tem muita liberdade de escolha, a liberdade de expressar, de ser respeitado que ele ou mesmo ela quer para sua vida.

Bom ter essa escolha, é uma forma que a gente aprende desde criança, que a criança tem que obedecer a tudo.

Já com o meu filho eu já tou, eu falo que é difícil separar desse linha que a criança tem que obedecer, mas hoje como eu já falei no início, como futura Pedagoga, já dialogando com alguns autores, aí eu já começo, conseguir um pouco a lidar com essa diferença, porque é uma diferença radical, uma coisa que eu não sabia, que eu sabia que, quando você fala uma coisa criança tem que aprender, você tem que escolher a roupa que a criança quer vestir ou que ele quer comer, hoje eu já sei, por exemplo, perguntar pra ele: você quer comer o quê? No jantar você quer que eu faço o quê? Ele já escolhe o que ele quer comer...às vezes eu não deixo porque se dependesse dele todo dia pizza em casa, ele só quer comer a pizza, às vezes na hora de almoço ele pede pizza, eu tenho que saber lidar com isso sabendo que a pizza toda hora no almoço não vai ser um elemento saudável pra ele. Mas eu...eu sinto que tem alguma diferença como eu já falei no início, porque quando a gente impede a criança de brincar, de ter essa liberdade, porque a gente já acha que a criança é um vaso vazio que não sabe nada, mas quando a gente vai falar de algum autor tipo Vygotsky, ele vai falar que a criança já nasce com uma potencialidade, que a criança não é um vaso vazio como a gente acha, eles já sabem escolher, eles já sabem brincar, eles já sabem algumas coisas que é interessante, eu já acho que pelo fato de fazer esse curso de Pedagogia tá me ajudando muito de como lidar com a minha...o meu papel né!

Como mãe, aí saber fazer alguma diferença, por exemplo, o que o privilégio que eu não tive na minha infância, de fazer com que os meus filhos sentem que eles também fazem parte de uma sociedade, eles também são sujeitos no direito que alguma coisa que a gente tem que dar o espaço, que eles sentem que são criança, que eles possam viver a infância, porque sendo adulto não vai ter como ele voltar para viver essa infância, é uma coisa que, que eu luto para que eles sentem, vejam a infância, para que eles consigam, principalmente esse que tá junto comigo, que é Josias, o outro eu sinto essa falta de não estar junto com ele para poder mostrar algumas coisas que é preciso né. Às vezes eu sinto muito...até culpada de não poder estar junto dele, de mostrar o que é bom pra ele, o que não é bom, o que deve fazer, o que não deve...mas eu falo que tudo é um propósito né...que não é nada fácil, principalmente aqui na São Francisco do Conde como a gente já havia falado nesse assunto...um pouco diferente ser uma mãe estudante né, lidar com a academia e a maternidade, porque você como mãe vai ter que lutar para dar conta dessa infância do seu filho como eu já falei, também vai ter que

lutar para dar conta da faculdade, que é o nosso objetivo principal aqui em São Francisco do Conde.

Mesmo sendo difícil a gente luta, a gente enfrenta várias dificuldades, principalmente, algumas conversas que a gente vai ouvir pelo...da faculdade, na rua, sendo que as pessoas julgam...julga pelo fato de a gente estudar, engravida e ter filho, isso é uma coisa que não é fácil, é uma coisa também que a gente vai ter que aprender a lidar com essas coisa pequenas, a gente também acha que não é...que é uma coisa simples, mas é muito dura, quando você passa por uma situação, ou uma dificuldade e ver uma pessoa querendo te julgar...tipo falando coisas que vão te magoar, coisa que acha que vai falar porque é verdade. Nem toda verdade que é verdade mesmo pra ser dita né! Mas é isso, a gente tá aqui lutando com as nossas vidas, com o futuro dos nossos filhos, garantindo a infância melhor para eles, tentando fazer que eles chegam no lugar que a gente não chega, que ele viva uma infância que a gente não teve a oportunidade de viver!

7. "eu acho que Orgulho que me define nesse momento"



Fotos: Lauro José Cardoso (2019)

A vida é feita de momentos, vários deles compõem vidas e marcam tempos, em relação à infância e às memórias maternas, Milanca Cabral, de 22 anos, guineense e natural de Bissau, licencianda em Letras, disse o seguinte: *bom, o que eu posso lembrar*

assim da minha infância, primeira coisa é que não convivi com os meus pais, eu vivi com a minha avó que na verdade é a tia do meu pai. Então, não tenho uma infância, como se diz assim, normal né...mas do que eu lembro é que não brincava porque na casa da minha avó não tinha criança...eu era a única, a única criança da casa, então convivia com os adultos e não brincava com as outras crianças...preferia mais ficar com a minha avó brincando no quintal...ela trabalhava e eu ficava lá ajudando, ou só sentando do seu lado para ajudar no que ela estava fazendo. Então, quando eu ia pra casa da minha mãe, eu tinha mais contato com as outras crianças, a minha irmã mais velha, meus primos que tavam lá na casa da minha mãe...então a brincadeira como você já tinha dito no outro dia, a única brincadeira que eu brincava muito é 35...eu acho que é complicado explicar por causa do áudio, hehe...mas pode perguntar pra Aua, Aua sabe.

Uma brincadeira chamada 35 e a outra Malha, que aqui no Brasil chamam de Amarela ou uma coisa assim...essas eram as brincadeiras que eu mais brincava...também a bola de Gude que jogava, também jogava muito bola de Gude e assim...como na minha paróquia, no final do...quando era férias, a partir do mês de, mês de Julho, iniciava uma atividade, que é pra...você podia escolher se era uma atividade...que durava um mês...você ia de manhã, das oito ao meio dia e de duas horas até 6 horas da tarde aí a gente brincava, tinha...você poderia escolher, para além daquelas brincadeiras, você poderia escolher ou fazer a Renda...ou, um trabalho manual que chamavam, qualquer trabalho manual, fazer renda, costura...aí você escolhia, mas eu escolhia mais fazer o cesto com jornal reciclado que a gente fazia...e tinha também aquela brincadeira de pular as cordas...eu acho que é mais ou menos...do que estou recordando agora, é só essas brincadeiras que eu mais brincava...só na casa da minha mãe ou naquelas atividades que era sempre nas férias.

E a minha paróquia usava, tinha o nome de "Djumbaidin"...que é Djumbai, e aquele Din é as três últimas palavras do nome da paróquia que é "Santo António do Bandin" aquele din era juntado com o djumbai e o nome passou a ser djumbaidin! Bem...agora essa questão da infância e agora o fato de eu ser mãe...eu acho assim, o que eu acho interessante é que na minha infância pelo menos eu tinha...eu que não gostava de sair para ir brincar com as outras crianças e tal, preferia ficar com a minha avó no quintal, mas agora, já o Haniel, o fato dele é diferente...porque eu tive ele aqui e nessa correria ele não tem contato com as outras pessoas...não que ele não queira, ou eu não queira, mas é porque não tem como...essa questão de estudar, cuidar dele, e não

tem outras crianças pra brincar...eu acho isso um pouco diferente com a minha infância, porque antes eu tinha escolha, já agora o fato dele é bem diferente.

Ele não tem contacto, no início né, porque agora ele já tá na creche, já tem contacto com outras crianças...eu acho que essa questão da creche é muito fundamental, no meu caso, não posso falar por todas as mães, mas é muito importante no caso da...dessa convivência aqui da...do estudante da Unilab que a criança só fica convivendo com os adultos, não tem aquele momento de brincar com as outras crianças...eu acho um pouco chato né, mas indo a creche ele já tem...para além de ajudar no seu desenvolvimento, mas também para desenvolver as suas habilidades.

Isso ajuda muito...bom, ééé, ser estudante da Unilab e ser mãe eu acho que é um desafio, um desafio para me fortalecer como pessoa e também foi algo que, cada vez que...no início assim, foi difícil mas cada vez que eu parava pra pensar, eu pensava na minha avó, e na minha mãe também. Porque assim cada vez que eu passava por algum momento, eu consegui recordar das lições que ela passava pra mim...e eu consegui me...pra eu conseguir sair daquela situação...e também tem essa questão de, pelo menos na sociedade de onde eu vim, essa questão de você ser mãe e ser estudante ao mesmo tempo porque muitos acreditam até hoje que não é possível ser mãe e ao mesmo tempo estudar e tem essa questão de ser mulher...mulher tem que ficar em casa, você já tem filho não pode ir pra...não pode se divertir, estudar, você tem que ficar em casa, cuidar o seu filho, você já era!

Você que já tem filho não pode ter uma vida normal, mas eu digo graças a Deus porque eu consegui que a minha mãe saberia de acreditar no meu sonho, e persistir até o final e hoje quando paro para pensar a única palavra que eu consigo assim, para definir tudo aquilo que eu passei quando cheguei aqui na Unilab...e a surpresa que tava grávida, eu acho que Orgulho que me define nesse momento, Orgulho e Gratidão, aquelas pessoas que sempre me apoiaram não me deixaram só! E se for pra chamar, heehe, acho que não vai terminar os nomes das pessoas, eu prefiro não chamar por causa disso, e a Unilab também, principalmente, o ensino brasileiro porque dá essa oportunidade de você ir pra sala de aula, pelo menos da Unilab que eu sei, não vou generalizar né, ir pra sala de aula você pode levar seu filho e cuidar, mas eu acho que no começo...só essa questão que me deixava um pouco abalada, ter que ir pra aula, às vezes as crianças não...começava a chorar.

Principalmente Haniel, que não tava habituado em ficar fechado numa sala fechada, ele ficava chorando, até o início quando estava com mais ou menos 4 ou 5...4

meses. Ele chorava, não dava pra ficar na sala, saindo, entrando na sala, acho que isso incomodava as outras colegas...mas depois as coisas foram melhorando...quando ele fez 6 meses, ele começou a ficar em casa e deu pra assistir as aulas mais tranquilo...mas mesmo assistindo as aulas eu ficava pensando como ele tava naquele momento, mesmo ficando com pessoas assim da minha confiança, mas ficava aquela coisa, às vezes dava, ficava com pressa de voltar pra casa pra ficar com ele.

Também fiquei muito feliz de conseguir...estudar de uma forma bem tranquila né, porque assim: com Haniel aprendi a fazer alguma coisa, antes dele eu já tinha essa mania de ter tudo organizado, fazer tudo na hora, mas com ele eu consegui ser mais ágil nas minhas atividades porque conseguia fazer, por exemplo, eu tinha...eu passava a pensar mais rápido que antes, eu conseguia pensar vou fazer isso, isso, isso, quando o Haniel acordou vou ter que preparar alguma coisa pra ele comer...eu já tinha...eu conseguia fazer trabalho no tempo...eu fazia outras atividades no tempo...procurava sempre...eu tinha todas as minhas leituras e atividades tudo em ordem...assim graças a minha avó e a minha mãe, porque as coisas que elas me ensinaram eu acabei colocando aqui em prática, eu acho que os ensinamentos da minha avó e da minha mãe foram fundamental...às vezes, meu pai também... pra eu conseguir conciliar o meu estudo com o fato de eu ser mãe...ser mãe e estudante universitária pra mim foi uma experiência única, não foi fácil no início mas deu pra me fortalecer como pessoa e também a gente aprende no dia a dia...e cada uma é mãe do seu jeito...eu sou mãe do meu jeito e não posso me comparar com outras pessoas, é isso que acho um dos meus princípios, ser a mãe do meu jeito e não ficar me comparando hehe com as outras mães né.

Então, isso ta me ajudando muito. E uma coisa que, às vezes...quando eu descobri foi que...a minha irmã mais velha...desde cedo eu dava, acho que...desde cedo eu fui um incentivo pra ela continuar nos estudos...agora eu acho que, quando ela me falou, uma conversa que a gente tinha, falou sobre essa questão, porque ela ficava esperando...não por causa dessa questão de terminar os estudos, não conseguir a bolsa, não conseguir se matricular numa universidade...e como agora eu tenho um filho, mesmo tendo um filho eu não desisti de estudar, continuei estudando...eu acho que deu...a ficha dela caiu! E ela percebeu agora que, nenhuma, não há nada que pode impedir ela de realizar o sonho de estudar e conquistar outra coisa.

E ela me falou isso noutro dia, e eu fiquei assim nossaa...eu não esperava isso de uma pessoa que estava na mesma situação que eu, sabendo das mesmas, do mesmo

preconceito contra as mães, que as pessoas que tiveram filho ainda na minha idade, estudando ainda, eu fiquei assim poxa pelo menos eu tou sendo exemplo para as outras pessoas e fico feliz por isso!

Agora, no momento que dá pra...minha ficha caiu sobre as coisas de algumas pessoas, e entendi...que a minha mãe sempre me dizia que eu não devo esperar tanto da pessoa, espera mais de você. Em vez de ficar esperando que as pessoas façam aquilo que você quer...e ela mesmo não estando viva, mas eu sinto uma gratidão imensa por aquilo que ela me ensinou...eu sempre achei que ela era minha amiga porque sempre a gente conversava e tal, no começo ela ficou brava, triste, mas depois passou! E agora, se for pra citar assim, a sua melhor amiga, a minha irmã é minha amiga né mas a minha mãe é a melhor amiga que posso ter porque tem momento que você aprende realmente quem são os seus melhores amigos, quem realmente quer o seu bem e a minha mãe é a primeira pessoa que eu gostaria de citar e depois a minha irmã, os outros amigos e aquelas pessoas que sempre me ajudaram e até hoje continuam ajudando aqui no Brasil...bom, ser mãe e estudante universitária foi algo que valeu a pena e vai continuar a valer a pena pra mim.

8. "A galinha põe ovos, na mãe de menino, menino papa tudo"



Fotos: Lauro José Cardoso (2019)

Tais como as canções de ninar, de fazer sorrir e cantar, torna-se importante perceber o papel que as mães representam na vida das filhas e filhos para além dessas

músicas, pois, Núria Glauciana Barros da Silva, estudante do bacharelado em Humanidade, de 24 anos e nascida na Guiné mais especificamente na cidade de Bissau, mostra que: *sou a mãe, mãe da primeira viagem aqui no Brasil, quando eu tava grávida eu tava no Espírito Santo, depois resolvi vim pra cá, porque resolvi vir pra Bahia, aqui no Brasil, eu vim pro município de São Francisco do Conde...eu vim pra Unilab pra ficar mais perto do pai do meu filho que é o Gilson, pra poder me ajudar, pra poder me facilitar também...vida de mãe e estudante hehe, é como você fazendo duas faculdades ao mesmo tempo, posso dizer três faculdades porque quase você não dorme à noite...é primeiro quando você fica grávida, vem aquele estresse daqui, estresse de lá, uns dias você ta bem, outros dias você não ta bem, outros dias você não quer nem ir à escola ver a cara do professor, ou seja, já vai acordar toda enjoada da vida e depois da hora do parto que sabemos que, parto você precisa de uma pessoa pra, como sua mãe, sua irmã, pra estar perto de você...pra gente que ta cá, fica um pouco difícil porque as nossas mães ficaram no nosso país, como no meu caso, a minha mãe está no meu país, a minha irmã, só estou aqui com a minha prima mas ela também não estava aqui, quem ficou comigo foi a minha amiga, que ficou comigo no hospital, e a minha mãe com aquela pressão aí no meu país...é um pouco chato né, é um pouco chato você tendo seu primeiro filho ou filha, no meu caso é filho, longe dos seus parentes.*

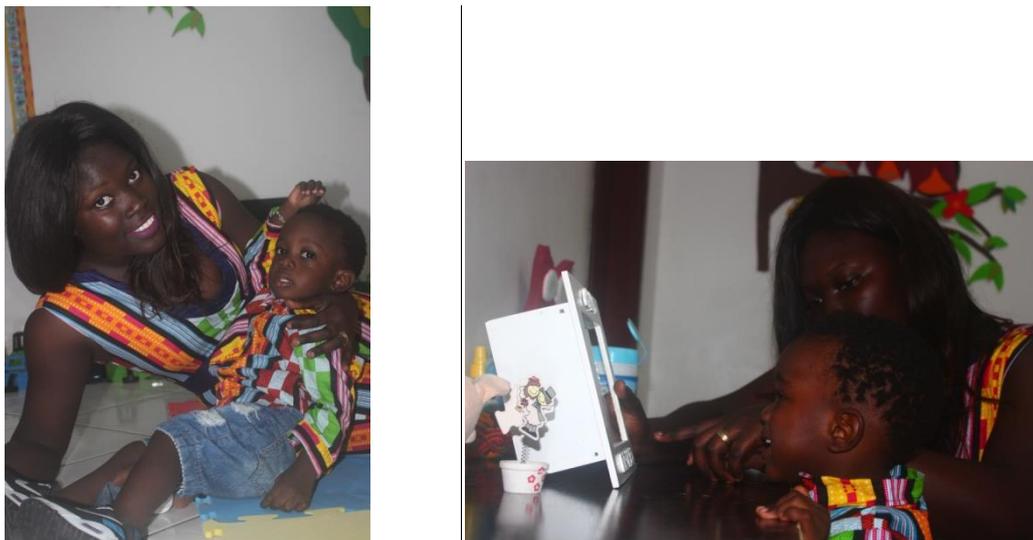
O Gilson que é meu namorado não entrou, fiquei com a Sara, era desde manhã que fiquei no hospital, fui ter meu parto foi só 5 horas da tarde que foi cesária...e depois de lá eu recebi muitos, muitos apoios mesmo de pessoas que estão aqui com a gente, um estava dormindo comigo no hospital, me ajudar a tomar banho...eu posso dizer que eles davam banho em mim mesmo ehehehe, e aqui também quando eu voltei pra casa...teve pessoas aqui também comigo e o Gilson também e depois estudar com bebê não é fácil...o meu filho, a hora que eu ia estudar é hora que ele está dormindo, vou estudar umas meia noite, até duas e pouco de manhã posso dizer já...ééé porque se eu for estudar no horário normal eu não vou conseguir porque eu começo a leitura e ele chora, tem que parar e ele quer trocar fralda, fazer cocô e outras coisas...muito trabalho! Ééé posso dizer assim, a diferença de ter filho aqui no Brasil com o nosso país, é que se fosse no meu país eu vou ter minha mãe perto de mim, meu pai, minhas irmãs...eu ia estudar mais à vontade, posso dizer porque minha mãe vai me ajudar...mãe do Gilson também ia estar mais perto de mim, pra me ajudar com Banorfan...e eu ia poder estudar normal, mas aqui fica tudo em cima de mim porque eu sou já mãe e eu não tenho minha mãe aqui, mesmo que outras pessoas quer me ajudar

nesse período, também eles estão estudando...aí vai ficar pressão...carga tudo em cima de mim...é bom mesmo ser mãe mas é bom você estar preparada pra ser mãe.

Quando você ainda é universitária, se poder cuidar hoje porque a sua vida vai dividir...não sei se é três, se é quatro hehehe, porque você vai se virar né, virar nos 30 pra conseguir resolver tudo. E o que a minha mãe cantava e agora eu canto pra Banorfan hehehe, que eu brinco com ele hehehe...e a minha mãe até uns dias ela ligou tava cantando a mesma música hehe...aí eu estou esquecendo hehe querendo lembrar aqui..."A galinha põe ovos heheh na mãe de menino, menino papa tudo" hehehe, essa música ela cantava pra mim e ta cantando também pra Banorfan e eu também canto pra Banorfan...então é uma coisa que ta passando hehehe que posso assim dizer hehe de geração em geração porque a música que ela cantava pra mim agora tou cantando pra Banorfan e ela também está cantando a mesma música pro Banorfan.

E uma coisa que eu achei engraçado hehehe que eu não falei é que como eu sou a primeira filha e a minha mãe estava toda empolgada igual eu, se o Banorfan der algum grito eu já fico assim: "ai meu deus o que ta acontecendo", igual quando tava ficando com mu irmão mais novo, cuidei do meu irmão mais novo, quando ele começa a chorar e eu não sei o que está acontecendo...e aí eu comecei a chorar também, eu choro junto com ele...aí a vizinha, uma mulher que chegava assim hehe, "Dudu você ta chorando junto com seu irmão, hehe será que você vai saber o que está acontecendo", aí ela pegava o meu o irmão, falando assim, dá banho, dá um xarope lá que a gente tem de dores de barriga, de cólicas, assim dá pra ele pra ver se é a cólica também...aí eu dava...então no Banorfan é quase a mesma coisa, igual quando o Banorfan se prende, não consegue fazer côcô, falando assim meu deus que vem em mim hehehe mas no meu filho não...uma coisa que passa de mãe pra filha e de filha pra mãe...e também porque a filha quando cresce torna mãe aí vai passar a mesma coisa, de aquela preocupação assim intensa e ainda pra uma pessoa que é mãe da primeira viagem...toda coisa você acha assim, tipo um pouco estranho ou estranho...ah, meu filho não ta bom, aí você já vai perguntando ou vai no hospital, mesmo que é uma coisa bem...tipo brincadeira ou bobagem simples, mas a gente leva pra o hospital porque a gente não sabe lidar ainda com certas situações.

9. "Então eu gosto muito dessa coisa de independência, ser independente"



Fotos: Lauro José Cardoso (2019)

O processo de ser mãe não é algo finalizado, mas se trata de um projeto contínuo que está sempre num "eterno" tornar-se, Patrícia N'Zale, de 23 anos, nascida em Bissau na Guiné, bacharel em Humanidades e licencianda em História também pela Unilab, começa a sua narrativa dizendo que: *sou irmã de três irmãs, somos quatro meninas, quando eu era pequena porque como sou caçula, eu era muito mimada pela minha mãe mas pra parte positiva...e como eu tinha duas irmãs então não trabalhava né porque tinha elas pra fazer as coisas...e também a minha mãe dizia que cada criança tem o seu tempo de começar a trabalhar, não só porque é mulher, você tem que falar ela é mulher você tem que botar ela pra trabalhar, aí eu comecei a trabalhar mesmo com 13, 14 anos que eu comecei a trabalhar, a lavar os pratos...mas a cozinha, pelo que me lembro eu acho que com os 17, 18 pra 19 anos que eu comecei a cozinhar e eu era muito péssima hehe.*

A única comida que eu sabia fazer era: frito. Com isso eu lembro de uma música que o Chito e o seu grupo Real Power cantava que "Si ka só frita, iassá" uma coisa do tipo...aí eu só sabia fritar o peixe e botar na comida...e a primeira vez que eu cozinhei eu fiz isso com meu primo que mora do lado da minha casa, aí ele tava cozinhando também na mesmo dia, eu tava cozinhando também a minha comida, e quando eu cozinhei a comida dele tava muito bom e eu tava muito péssima, tava salgada e o arroz tava molinho...parece Badadji, que a gente fala. E aí terminei de

cozinhar, peguei meu sobrinho arrumei pra ele um prato de comer e dei pra ele comer e aí falei: Rúben a comida tava boa, tava boa mana Paty porque me chamavam de mana Paty lá em Bissau. E aí eu falei ta bom então minha comida ta boa mas eu sabia que tava péssima...e aí quando a minha mãe chegou de feira de vender porque ela é bideira, então ela sentou pra poder comer e não dava pra ela comer porque a comida tava horrível, e aí eu sem cara de vergonha peguei na cabaceira, amassei e botei açúcar em cima daquele arroz que parecia badadji que era bem molinho e botei azeite de dendê em cima e tava uma outra comida gostosa, então pronto, me falavam que cozinhei como menino e eu devia cozinhar melhor mas, heheh.

Eu acabei fazendo aquela coisa e eu fiquei sem cara de vergonha mesmo, e eu me lembro que as minhas primas me falavam, e até as minhas irmãs me gozavam, me chamavam de "clara de sabura" que é uma menina já adulta que não sabe cozinhar, não sabe fazer nada, só veste fica linda e fica assim de boa, sem fazer nada e sem se importar com o que os outros pensam e na verdade eu não me importava mesmo, eu sempre, tipo me importava quando eu ganhava dinheiro, porque com 9 anos eu comecei a fazer rendas pra vender e tal, eu ganhava o meu dinheiro, eu levava lá pra centro jovem pra cristo, e aí quando eu fazia ganhava o meu dinheiro, mostrava pra minha mãe e ela às vezes falava que ia guardar pra quando eu precisar de qualquer coisa pra comprar...mas com isso ela não mexia no meu dinheiro, mas quando acabava as linhas que eu trabalhava, ela comprava com o dinheiro dela e quando tem sapato pra comprar pra botar no negócio que eu tava fazendo ela comprava com o dinheiro dela, é tipo um financiador que não ganha nada, hehe, com o que eu produzia porque ela se orgulhava muito disso fala que eu comecei a ganhar o meu próprio dinheiro e aí com isso eu não pedia ela dinheiro também pra os meus negócios que eu preciso comprar, porque eu tinha o meu próprio dinheiro pra isso.

Então eu gosto muito dessa coisa de independência, ser independente entre aspas, mas estar do lado da mamãe...e foi muito difícil quando eu cheguei aqui estando longe dela porque eu e ela somos muito próximas, sabe aquelas amigas mesmo, ela além de ser mãe é minha amiga, considero ela muito minha amiga! Então, da primeira vez que eu fiz a inscrição pra vir pra aqui, aí quando tava quase pra sair os nomes das pessoas que conseguiram passar aí eu pedi a deus a noite porque tava eu e ela deitada, aí eu virei pra ela e falei: não tô preparada pra sair desse luxo todo de estar com a mãe, pra me virar sozinha e tal, aí eu falei deus por favor tomara que meu nome, hehe, não saia como as pessoas que passaram e aí o meu nome saiu como...saiu na lista de

espera. Eu era segunda ou terceira pessoa se não me engano, aí quando saiu na lista de espera eu fiquei aliviada e eu sabia que não ia vir...então fiquei aliviada.

E do próximo ano quando eu fiz nova inscrição eu tava preparada pra vir, então eu não orei mais, fiquei de boa. E aí, mas como a gente era próximo, eu me aproximei ainda mais pra matar já a saudade antecipadamente, e quando eu vim aqui, eu sofri muito, eu chorava, deitava na cama e chorava muitooo pela saudade que sentia por ela! Porque ela pra mim é tudo...e quando eu pedia ela me dava por exemplo lá em Bissau, a gente não tinha muito dinheiro, mas a gente vivia como se tivesse porque a minha mãe além de ser bideira ela se virava pra não faltar café da manhã, pra não faltar lanche, pra não faltar...tipo na casa lá a gente comia quatro, cinco vezes por dia, tinha que ter lanche, tinha que ter café da manhã, janta, almoço, tinha que ter tudo!

Ela fala que como não tem muita coisa, não teve oportunidade de continuar os seus estudos, de fazer uma formação e tal...e ela quer dar isso pra gente, pra gente ter uma condição de vida bem razoável que dá pra gente sentir saudável e ela nos botava nas melhores escolas, porque eu estudei lá em São José que é uma das melhores escolas lá em Guiné Bissau e eu me sentia hehehe poderosa porque lá a maioria é filho de pessoas né, elitista, podemos dizer assim. Eu me sentia orgulhosa de estar no meio delas por conta da minha mãe porque ela fez isso com a gente, ela falou que vamos ter uma boa formação, não vamos ser igual a ela, vamos ser melhor que ela, vamos dar...e vamos dar um futuro que ela bem merece...e aí quando vim eu me esforcei muito e com a gravidez que eu tive no momento eu fiquei abalada, fiquei triste.

Não esperava ficar grávida, porque ninguém deseja, eu acredito, eu penso por mim, que ninguém deseja ficar grávida, tipo chegar numa cidade que você não conhece, não sabe como é que você vai sair de um dia pro outro...como é que vai ser a sua vida e você tá grávida, não conhecendo muita gente...tipo parece que você foi jogada num planeta onde só tem você e aí também era uma decepção, eu ficava decepcionada comigo mesma, pela minha mãe, pelo que ela vai ouvir porque quando alguma filha fica grávida sempre fala que, sempre dão culpa na mãe, a mãe que não sabe cuidar direito dela e tal, não ensinou ela direito e a minha mãe fez isso comigo, me ensinou direito...e tudo mais. Mas só que, tipo eu também às vezes me culpo por não tomar o negócio...como é que se fala, um contraceptivo que bota aqui na mão, mas só que eu falava que eu não vou botar aqui porque eu não pretendo fazer sexo, entendeu?!

Tipo as pessoas julgam muito a mulher quando isso acontece e aí fala um monte de coisas pra você e você naquela situação, tipo eu naquela situação, estando longe de

casa, sem o colo da mãe, sem o colo da família e tal e você tá longe de casa e todas aquelas coisas você tá naquela situação, já se oprimindo também com tudo aquilo porque eu pensava assim ter filho já casada e com trabalho mas isso aconteceu eu não tinha como fazer, eu tinha que me aceitar, aceitar aquela condição que eu tava e começar amar aquela criança entendeu?! Porque se eu levasse aquilo tudo em conta porque as pessoas me falavam eu não ia amar o meu filho entendeu?! E aí eu pensei quando passou, eu acho...eu sofri durante 5 meses...é muito período aí quando eu parei de sofrer mesmo, chorar, quando a minha mãe e o meu pai ficaram sabendo aí eu falei então como os dois já tão sabendo então eu fiquei de boa. E por incrível que pareça, os meus pais, eu não sei é porque eu estou longe de casa...eles falaram bem comigo, falaram que ficaram decepcionados mas não tem o que fazer como é uma criança que Deus abençoe e que venha com saúde.

Então eles me ligavam pra saber como é que eu tava pra me ajudar, me direcionar no que eu posso fazer ou não como grávida, que eu não sabia nada! Aí eu falei então que se dane o que os outros pensam, porque eu tenho que começar a pensar em mim porque eu tava na depressão e tal...eu imaginava tipo cair das escadas quando eu tava lá em cima, eu jogava meu corpo assim...eu deixava leve pra poder cair porque eu falo que eu não quero que pareça que eu prejudiquei mas para que pareça que foi um acidente...e aí eu me jogava pra tropeçar e cair!

E quando eu passava na estrada eu não andava com pressa não...quando eu vejo um carro é que eu começo andar mesmo...e eu andava lentinho pra ver se o carro me atropelava que tipo eu tava em depressão e tanto que eu queria morrer! Que eu achei que a morte seria uma boa solução...que as pessoas não iam me julgar mais! Porque mesmo você sendo um ladrão ou pior pessoa do mundo quando morre todo mundo te elogia, fala que você é uma boa pessoa e tal...então eu queria isso, eu queria parar de sofrer. Com tudo isso eu tive o apoio do Magno, porque quando eu ficava tendo esses ataques de choro, ele sentava comigo pra me dizer que não era o fim do mundo que eu tinha que me erguer e tal...ele me ajudava tanto. E chorava também comigo, e chorava também comigo, foi uma pessoa que eu vou agradecer por resto da minha vida...tipo nem sei o que falar, sabe aquelas pessoas que você nunca imagina que existe no mundo, você acaba encontrando é o Magno. Eu agradeço a ele muito por isso, pelo apoio que ele me deu e tal!

E por ser um pai maravilhoso pro Oronho porque ele sempre, ele e o Oronho sempre tiveram essa conexão...desde o ventre mesmo, tipo foi a primeira pessoa com

quem ele mexeu pela primeira vez, foi com Magno e tipo quando eu tava triste e tal, quando a gente brigava eu e o Magno a minha barriga encolhia e aí o Magno chegava pra ele e falava: "filho a gente ta bem, mamãe e papai ta bem não se preocupe ta!"

Aí começava a mexer e voltar de novo, aí eu vejo ele e vejo minha barriga e falo: Magno você ta vendo isso, aí ele fala eu tou vendo. E até quando ele nasceu ele continuou com esse comportamento...e quando eu e o Magno começar logo a discutir e tal, ele começa a falar: não! Aliás antes dele começar a falar ele chorava, e aí a gente parava, quando ele começou a falar ele falava não, não, não...aí a gente parava. Por isso que eu e Magno não temos muito essa coisa de discussão de casal, por conta do Oronho porque quando ele começava a chorar, ao ver aquilo a gente via ele e via que aquelas discussões que a gente tava tendo não valia a pena fazer aquilo e agente acabou tendo uma relação que só rolava conversa e tal, não tinha briga...por conta dele! E ele ajudou muito a nossa relação com isso também, e quando ele pegava o Oronho, quando o Oronho nasceu, ele pegava o Oronho pra dar banho, a forma como ele via ele, os olhos brilhava...minha nossa, tanta conexão.

Então, ser mãe pra mim foi uma descoberta incrível, tipo antes de ser mãe eu pensava de uma outra forma o que é ser mãe, mas quando eu vim a ser mãe eu percebi que eu tinha muitos preconceitos sobre o que é mãe mas do que na verdade não é, ou do que é estar grávida quando na verdade não é, muitas das vezes as pessoas passam essa ilusão de que quando ta grávida ta tudo bem é uma beleza que só, e principalmente nas novelas, nos filmes e por exemplo no momento do parto mostra que, quando bolsa estoura e já você vê que a criança já nasceu e não é assim e que no momento do parto, antes do parto não tem aquela dor que você sente nas costas, não tem o cansaço, mas tem isso, tem enjojo que só de você sentir o cheiro do negócio você tira tudo. Eu acordava Magno, de madrugada com fome pra preparar o negócio pra eu comer e ele preparava...ele preparava, eu pegava eu comia, quando eu terminava de comer eu deitava tudo pra fora, e depois quando eu deitar tudo pra fora, eu falava pra ele preparar de novo, e aí ele me dava mel com limão para poder parar o enjojo e preparava outra coisa de novo pra eu comer.

Então foi um negócio bem difícil, bem difícil mesmo...e aí você fica com a sensação de não querer ir pra lugar nenhum pra não estar vomitando o tempo todo, porque esgota a pessoa também, você fica esgotada, cansada...mas depois disso eu acho que tive uma gravidez boa entre aspas, tive uma gravidez boa mas eu tive as dores, mas eu tive que levantar ficar de pé e tal...eu comecei a me sentir mulher, por

questão de me identificar com as outras...porque eu falava quando eu ficar com as dores, ficar só deitando, deitando...não vai me ajudar não...porque eu não vou ter, por exemplo o Magno, pelo resto da minha vida me ajudando com as coisas né e aí eu me levantava para fazer alguma coisa e tal...pra fazer por mim mesmo.

E aí quando a minha bolsa estourou da primeira vez...eu fui pro hospital mas me falaram...me deixaram voltar pra casa, porque falaram que o Oronho não ia nascer naquele dia, mas a bolsa estourou...Luri que é o padrinho de Oronho teve que ligar pra uma pessoa assim...pra ela ligar pro pessoal do hospital pra me internar e quando me internaram eu fiquei três dias no hospital, naqueles três dias que eu fiquei no hospital eu não me senti bem tipo bem na questão de alimentação, não gosto da comida do hospital, é horrível eu não conseguia comer e não deixava que os outros trouxessem comida de fora, alimentos pra você...e aí eu não conseguia comer, falei pro, no terceiro dia quando veio o doutor que tava lá de plantão, eu falei pra ele me dar alta porque quando ele me observou, ele falou que ia fazer cesária porque já estava no momento do Oronho nascer e eu falei não está não!

Eu acabei de fazer, eu falei pra ele que acabei de fazer chá de fraldas, não montei o berço ainda, não levei as roupas que deram de presente, nem as que tinha comprado...Oronho não vai nascer e ele também vai ter que esperar porque eu tenho que voltar pra minha casa...e arrumar essas coisas pra que ele nasça com tudo pronto. E ele ficou insistindo, não você vai fazer cesária, eu disse eu não vou fazer cesária, eu vou fazer parto normal...e aí ele falou então se você tá insistindo assim vou te dar alta, mas você vai ter que assinar para se responsabilizar e não pode fazer nada quando chegar em casa, repouso absoluto porque você tem um líquido que perdeu entendeu, agora a criança não tem o líquido pra sobreviver...você tem que ter muito cuidado, eu falei tá bom...quando cheguei lá em casa naquele dia a tarde Magno nem sabia que eu tomei alta porque não foi uma coisa programada aí quando eu cheguei em casa...tomei banho e fui pra escola.

Magno falou então, você...e todo mundo perguntou então você não deu a luz ao Oronho porque a gente ficou sabendo que você foi pra o hospital pra ter parto, eu falei não...aí eu entreguei os documentos lá pra os professores pra os professores saberem que eu tava internada e tal, negócios assim, pra estar tudo do jeitinho certo pra não ter falta...e aí eu voltei pra casa, comecei a arrumar as minhas coisas pra morar aqui, entendeu...e aí o Magno ficou muito mal comigo porque falou que tinha que descansar, mas eu acho que é questão da pessoa que tá grávida...e eu tenho um negócio que

quando você fala não, eu faço...mas quando fala sim aí fico na dúvida se eu faço ou não.

Aí tipo era assim ó por exemplo quando falavam que você ta grávida não pode comer isso, não pode comer aquilo...quando falou que não pode dá vontade de fazer entendeu. E aí eu cheguei fiquei arrumando a casa, Magno falava senta pra não fazer nada, puxava o guarda roupa de um lado pro outro pra poder limpar, eu inclinava pra poder limpar o chão...Magno ficou muito irritado comigo até parou de falar comigo naquele dia, falou que não vai falar mais nada porque quando ele fala eu não tou escutando...aí naquele mesmo dia a noite eu comecei a sentir dores do parto e falei estou sentindo dores nas costas, e o Magno falou é porque você trabalhou muito, eu falei pra você não fazer você fez e por isso que ta tendo essas dores...mas eu falei não, é parto mesmo...mas ele não acreditou, ficou falando que é por causa do trabalho...aí quatro horas de madrugada chamei ele, ele veio e falei: eu tou sentindo que Oronho vai nascer porque eu tava o tempo todo com o computador no Youtube, vendo quando é que é sentir contração, quando a mulher ta quase tendo o filho, e aí eu falei então ta bom porque ele percebeu que as dores estavam aumentando e tava insuportável, aí ele falou então ta bom, ligou pra Janica, quando a Janica veio falou pra gente ir pra o hospital pra fazer o negócio do parto, falei não, não vou não, Oronho tem que nascer entre 5 a 15 de novembro, não no dia 3...e eu ainda nem hehehe desmanchei esse cabelo pra fazer uma outra trança porque eu vou fazer trança nova pra ir pro hospital e eu ter toda roupa pronta pra vestir no dia que eu vou ter ele porque eu queria estar bem bonita pra o parto de Oronho.

Hehehehe, e ela falou vamos menina você ta sentindo muita dor, vamo, eu falei não, não vou não...o Oronho não vai nascer hoje eu já falei...entre 5 a 15 vou procurar alguém pra fazer meu cabelo amanhã não hoje...e ela falou vamo então espera que eu vou me maquiar um pouco pra gente ir, e ela falou ta bom como você e insistida ta bom então...aí eu comecei a sentir muita dor mesmo, eu botei a roupa e falei vamos, vamos que eu já não estou aguentando mais. Eu fui sem fazer o penteado que eu queria né, sem estar do jeito que eu queria estar hehehe, mas pronto eu fui e aí acabou que o Oronho nasceu, foi uma bênção que eu tive ajuda também de muita gente que veio aqui pra me ajudar né...pra cuidar do Oronho, como foi cesária e foi muito complicado...eu tive que ter muita ajuda pra poder cuidar dele, que cesária não pode fazer movimento brusco, tem que ficar todo tempo deitada, só pode levantar para ir passear um pouco,

que até agora quando pego um negócio pesado...como o tapete que a gente bota no chão pra ele, bem pesado, até agora quando lavo ele pra espremer eu sinto dor.

Eu tou gostando dessa ideia de ser mãe e eu tenho coisas que eu faço que sentando pra pensar aqui eu vejo minha mãe fazendo isso comigo entendeu...porque a minha mãe...quando a gente tava dormindo ela chegava e botava o ouvido no nosso peito, eu não sabia pra quê, mas quando eu fiz com Oronho pela primeira vez, eu percebi porquê! Pra ver se o coração tava batendo...entendeu. Aí eu falei minha nossa, então é isso que a minha mãe fazia com a gente...e quando tipo, eu gosto muito de apreciar o Oronho e quando eu fico sentada vendo ele dormindo, eu comentava isso porque a minha mãe fazia isso também, às vezes eu abria os olhos e vejo aquela pessoa assim me vendo, eu falo mãe para com isso e aí eu dormia de novo mas ela fazia isso com a gente eu percebi que tipo é preocupação das mães entendeu...de como você vê o seu filho assim dormindo: você fala deixa eu ver se o coraçãozinho dele ta batendo ainda pra ver se o meu bebê ta vivo e tal, eu até agora faço isso...tipo é um amor que você não sabe explicar e como eu já sou mãe...teve um dia que eu liguei pra minha mãe, aí acho que ela ligou pra mim, a gente tava conversando eu falei mãe eu te amo muito!!

E agora eu entendo porquê das coisas que você fazia pra gente...então ela fala sim eu sei que agora você ta entendendo, ta descobrindo as coisas mas não acabou de descobrir ainda porque Oronho é pequeno mas você vai descobrir...e ela falou, lembra que eu sempre falava que, quando ela proibia a gente de fazer alguma coisa, ela falava você vai entender isso quando for mãe...e falou isso, lembra que eu te falava que ia entender quando for mãe, aí você já ta entendendo, só que as suas irmãs ainda não sabem disso, não sabem dessa preocupação que a gente tem, porque quando eu saia de casa...a minha mãe ficava ligando pra saber como é que eu tava e eu adolescente né achava chato uma mãe ligando o tempo todo pra saber como você ta, onde você ta, se vai voltar agora, se vai voltar a noite e tal...eu falei entendi agora porque quando eu fui pra escola...mesmo Oronho ficando com Magno eu fico preocupada de não saber como ele ta, se ele ta chorando ou não, se ele ta feliz e tal.

Lembro bem do tempo todo ele fazendo vídeo pra me mandar, às vezes fala Oronho...Paty, Oronho ta bem, eu tou com ele, não vou fazer nada pra ele porque ele é meu filho e tal...não fala assim comigo não porque você faz a mesma coisa comigo e ele pior ainda que quando chega em casa pergunta pro Oronho sua mãe te trata bem filho, me fala porque senão eu vou ter com ela e tal...tipo é essa preocupação que quando

você é pai e mãe, você tem aquilo e é um negócio muito especial de você se preocupar com as pessoas mais do que você mesmo entendeu?!

Tem uma vez mesmo que Oronho tava com 6 meses, era pra eu ter começado a introduzir alimento e tal e aí a enfermeira dele falou pra eu fazer...aí eu fui pra escola, tava com ele, eu tava dando mingau pra ele, aí veio uma menina falando não, não pode fazer assim, não pode forçá-lo a comer, tem que brincar com ele, tem que fazer aviãozinho, tem que fazer isso...eu falei ô: não é porque eu sou mãe que eu sei que tenho que fazer isso, mas eu também já cuidei de criança, eu sei que tenho que fazer isso...e todas as crianças tem as suas particularidades, então eu não posso fazer uma coisa que você pode fazer pelo nenê e falar que todos nenês são assim.

Oronho quando você vai fazer aviãozinho ele vai estar assim...tipo te vendo que nem um filme passando nele, ele não vai abrir a boca, porque ele sabe que você tá querendo dar ele de comer, e ele não gosta de comer entendeu...ele gosta de peito mas não gosta de comer hehe, aí quando eu fazia isso ele recusava e eu falei pra enfermeira, e a enfermeira falou tem que botar mesmo, tem que dar à força, se ele não cuspir então tá de bom tamanho...mas se ele cuspir aí você procura outra coisa para dar pra ele. Então eu fazia a mesma coisa, e quando eu tava obrigando ele a comer, ela falou não pode fazer isso não sei o quê, tem que fazer isso e aquilo...e ela falou você não é uma boa mãe! Então eu fazia a mesma coisa, e quando eu tava obrigando ele a comer, ela falou não pode fazer isso não sei o quê, tem que fazer isso e aquilo...e ela falou você não é uma boa mãe! Eu falei minha nossa, você que tá me dizendo o que eu tenho ou não de fazer pro meu filho, você não tem o direito de falar o que é uma boa mãe porque cada mãe é mãe do seu jeito...de acordo com o filho dele e de acordo com a sua realidade entendeu...e eu não gosto disso.

E quando eu tava já no último semestre do BHU pra fazer 5 disciplinas e mais projeto de pesquisa aqui do Bota a fala e mais o TCC. Hehehe, aí eu virei aos mil pra eu conseguir fazer o meu TCC porque o Oronho era muito pequeno, era bebê...e aí chorava só queria ficar no meu colo e tal, o pai pegava ele e ele virava queria a mãe quando ele me via...e aí o Magno fala não sei como fazer, quero te ajudar mas eu não sei o que fazer porque Oronho só quer você, e aí eu botava Oronho nas minhas costas e sentava pra fazer o meu TCC e quando eu botava nas costas às vezes ele chorava, eu tinha que ficar de pé segurando o meu computador e escrevendo e fazendo também atividades de casa, quando ele dorme a noite, pra eu ficar de madrugada escrevendo o meu TCC e levantar com olheiras depois.

Então foi muito difícil, tive apoio de muita gente, teve também muita gente que falava que eu não ia conseguir e tal...porque às vezes as pessoas chegavam e falavam Paty será que vais conseguir...é muita coisa entendeu...TCC é muito difícil...por exemplo eu tenho duas disciplinas mais TCC mas mesmo assim é difícil e acabam falando e você tem criança, será que vai conseguir...será que vai conseguir com essas disciplinas e tal. E graças a deus eu terminei porque eu tive mesmo que sentar com a minha orientadora pra conversar sobre isso...porque ela falou Paty então o que ta acontecendo me fala...e aí eu falei pra ela, desabafei, ela falou como você tem filho eu sei que não é fácil porque eu também tenho filho e eu sei como é ter filho e estar estudando, então me fala no que eu puder te ajudar...e eu falei tudo pra ela, falei que não ta sendo fácil, mas eu não quero que o Oronho se sinta culpado por causa disso, por isso que eu estou dando o meu máximo pra eu ter uma boa nota que eu sempre quando tava fazendo o TCC eu falava que eu ia tirar 10.

É e Magno falava não pensa em tirar 10, pensa só em fazer para a sua prova ficar boa, aliás pro seu trabalho ficar bom...mas eu tô pensando pro meu trabalho ficar bom, por isso que eu vou tirar 10 e ele sempre teve esse cuidado de eu não tirar 10 pra eu não ficar decepcionada comigo...eu falei vou tirar 10 e quando eu falei com a minha orientadora falei: vou fazer pra que o meu filho tenha orgulho de mim...e vou tirar nota máxima e ela falou tem que estudar muito pra isso hehehehe! Mas graças a deus eu consegui, quando eu tirei nota 10!

E tipo é isso que a Unilab faz com a gente hehehhee, nos ensina a viver, você tem que viver na marra, aqui eu aprendi a cozinhar, a fazer novos pratos, a lavar a roupa hehehehe, porque eu lá em Bissau lavava as roupas de casa, de sair era a nossa lavadeira que lavava entendeu...eu não era muito boa de lavar roupa mas aqui eu tive que aprender a lavar roupa, minha roupa, a do Oronho, cuidar de casa, cozinhar pra mim, estudar entendeu...muita coisa que a gente tem que aprender na marra...eu tive que ser mãe e aprender a ser mãe na marra, porque eu não acredito que a pessoa nasce mãe, você aprende a ser mãe, todos os dias você aprende a ser mãe, porque é isso, cada dia, um dia de cada vez...você vai crescer e aprender as coisas e tal.

Eu tive o apoio de muita gente, um apoio que eu nunca imaginei que podia ter porque as pessoas não me conheciam, conheci a Manu, a Soraia também me apoio muito, muito mesmo...a Janica me falava você tem que levantar, você tem que ficar assim...porque eu chorava a noite e de manhã acordava pra ira pra aulas, eu levantava e tomava banho e me maquiava pra estar bonita pra não passar essa aparência de

triste...porque aquela pessoa que ligou quer me ver triste, que eu fique assim...eu disse não, eu vou mostrar uma versão ao contrário do que estão falando, mas não é porque eu estava sofrendo porque muitas diziam, Sábado, Piquinina, falavam pra mim você é a grávida mais feliz que eu conheço...eu era feliz mas infeliz também porque eu passei por um monte de coisas, mas eu ficava lá sorrindo e tal, brincando mas eu tava sofrendo.

Por isso que os mais velhos dizem, mesmo a pessoa sorrindo, você tem que se questionar que aquele sorriso é verdadeiro ou se é só uma farsa tipo porque agora quase tudo é fake...não é só fake do hehehehe...porque muitos levam e pensam que fake é só nas redes sociais e tal, nas fotos, mas não, na vida real também...e isso começou na vida real, esse negócio de rir, mas quando lá dentro ta doendo...mas foi uma conquista e aprendizado pra mim também mas não foi uma coisa fácil porque eu tive que deixar de ser uma pessoa mimada...eu sou muito mimada e eu admito isso...eu tive que deixar de ser mimada e botar uma outra pessoa em mim...tipo agora já não é mais Paty mas sim Oronho, de ter prioridades na minha vida e isso me fez uma nova pessoa e eu falo, às vezes falo pro Magno que eu gostei muito dessa minha versão que eu tô amando ser quem eu sou agora porque eu prefiro ser essa pessoa que sou agora do que ser a Paty que eu era antes...não tô dizendo que não era boa...era bom, mas essa nova versão de ter uma visão, de lutar, porque eu tenho um motivo pra lutar agora...o motivo é Oronho, isso que me dá a vontade de levantar, agora eu tô falando que nem minha mãe hehehehe, de levantar de manhã né e esse prazer de levantar de manhã pra ver aquela pessoa, de lutar pra conquistar, pra dar algo de melhor pra aquela pessoa...tipo você vive em prol daquela pessoa, isso que tô gostando de ser, de não ser mais a Paty como prioridade mas sim uma outra pessoa...eu tô gostando disso...é isso Lauro, obrigado viu!

10. "cada vez que a barriga vai crescendo é um processo de descoberta"



Fotos: Lauro José Cardoso (2020)

Tanto nos começos, como nos finais, o mais fundamental é compreender que todo o acontecimento possui fases ou momentos, Sara Fortes Salvaterra, bacharel em Humanidades e Relações Internacionais, de 24 anos e natural da cidade de São Tomé em São Tomé e Príncipe, descreve que: *minha experiência como gestante...né, ai tem sido terrível, hehe. Assim, o primeiro momento que eu descobri, eu...fiquei em choque né, pela questão como ser mãe, como é que pode e tal...assim, eu sempre quis ser mãe, só que aí eu confesso que eu tinha o medo por exemplo de dor na coluna...eu achava que...a medida que a barriga ia crescendo, a coluna não ia aguentar.*

Isso era um medo que eu tinha antes né de estar grávida e agora tando grávida meio que o meu medo era a verdade...porque meu deus, ah, não sei se isso é com todas as mães, ou gestantes no caso mas a minha coluna dói demais, demais...então essas são duas coisas que eu destaco assim, que eu posso dizer que são duas coisas que realmente me incomodam muito, que é dor na coluna e azia. Fora isso eu acho que em comparação com outras mães a minha gravidez tem sido muito tranquila porque eu não tô tendo enjoos, eu não vomitei muito durante os primeiros meses...eu não sei se é porque eu tava tão focada no TCC que eu não percebi os sintomas...e tudo mais, eu não fui passar mal, não tive essa coisa de sentir o cheiro da comida e não conseguir comer,

de enjoar...não tive isso pelo menos no início da gravidez, não sei mais por final como vai ser.

Aí né cada vez que a barriga vai crescendo é um processo de descoberta porque tipo você simplesmente vê sua barriga grande né, hoje ela ta assim e amanhã já está um pouco maiorzinha...éeee, o quê mais que eu posso falar, meu psicológico ta bem abalado né porque tipo é muita preocupação tanto financeira como se eu vou conseguir me ajustar aos cuidados dela porque tipo assim eu meio que desaprendi né, eu sempre fui uma pessoa que gostei muito de criança então eu sabia quase tudo sobre criança e tal, minhas sobrinhas eu ajudei muito, quando eu podia ser eu sabia pegar, desde os primeiros dias eu não tinha medo e agora eu sinto um certo receio fico com medo de pegar os bebês recém nascidos não sei porque...eu acho que muda muito a cabeça, tipo o psicológico...você fica pensando várias coisas, se vai dar certo, se vai...o parto é uma coisa que está me assustando muito, eu quero ter parto normal mas eu fico com muito medo se eu vou conseguir aguentar a dor, se eu vou seguir tudo mais, tem sido uma coisa que tem me assustado bastante...aí éee, fora isso eu vou, um dia de cada vez, e me descobrindo. Não tem sido assim aquela coisa de ah me arrependo não. Não. Não me arrependo de, de estar grávida...tive momentos muito felizes tipo ah quando mexe, aquela coisa de você ver a criatura mexer...o dia mesmo que eu descobri que era uma menina no ultrassom foi um dia que eu fiquei muito feliz, fiz o médico até rir de tanta palhaçada que eu tava fazendo.

Que era o que eu queria, menina, então fiquei muito, muito feliz...e quando eu descobri que era menina fiquei assim ah meu deus do céu minha menininha, hehe...chegando então...acho que só as preocupações mesmo que é inevitável porque não tem como você tar grávida e não se preocupar em como é que você vai resolver as questões do bebê, das coisas que ela vai precisar e até você mesmo sua alimentação, o que você come e o que você não come, se o bebê ta desenvolvendo direito e tudo mais, mas com o tempo esses medos, receios, tenho superado, passado bastante e tal...e o pai também dá muito apoio então a gente conversa sobre essas coisas, e fica aquela coisa de um tentando acalmar o outro...eu sou mais, digamos, éee entro mais em desespero, aí ele não, calma, tenha paciência, uma coisa de cada vez e tudo mais, aquela coisa.

Assim, eu, uma coisa que eu pretendo é que minha filha cresça comigo...tipo assim pra vida toda, porque assim eu cresci com a minha mãe até sete anos e depois fui pra casa do meu pai, e de lá nunca mais morei com a minha mãe, eu passei só a ver ela durante o dia, nem final de semana eu ficava com ela, então essa é uma coisa que eu

quero muito evitar que aconteça com a minha filha, que eu quero ela pertinho de mim, entendeu. Eu tive muitas lembranças boas quando eu estava com a minha mãe...eu, ela, Miguel, minha avó, na casa do meu avô e tal. Então, essa é uma coisa que...os meu primeiros aniversários, eu sempre rindo, o meu irmão lá do lado, minha mãe, então...foi muito bom, espero passar todo esse carinho, amor todo pra minha filha. Pra que ela saiba que ela tem mãe sim, independentemente de qualquer coisa que aconteça minha mãe sempre esteve comigo mesmo quando fui morar com meu pai. A gente...ela se tornou muito mais unida, muito mais próxima, muito mais aquela coisa e tudo mais.

11. "cada uma criança é uma criança, é diferente de outra"

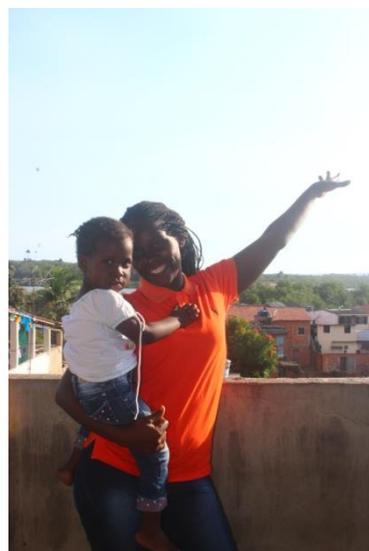


Foto: Lauro José Cardoso (2019)

Há diferenças que conseguimos observar, a partir de cada narrativa e forma de falar, mas também é possível ouvir uma imensidão de pontos em comum, Suzete José Dinis, nascida em Luanda, Angola, bacharel em Humanidades, mostra o seguinte: *tenho duas filhas, duas lindas filhas e a minha experiência como mãe tem sido muito boa...eu acho que quando nasce elas, ou seja quando nasceu a primeira, eu senti que eu renasci porque eu praticamente tive duas vidas, levei a minha, levei a dela...no caso da primeira, e com o tempo vem nascer a outra e acho que sou muito grata a deus por isso, tem sido uma experiência muito boa, ser mãe não é fácil, tem noite que você não vai dormir porque ela vai ficar um pouco chatinha...mas tudo se supera e...tudo é*

hábito, você, a pessoa vai ter que se adaptar com os novos horários, de acordar, novos horários pra dormir...é tudo agradável quando essa fase passa, até dos três meses...tudo fica tranquilo, tudo passa, tudo fica bem...e você começa achar que não foi ruim você ter essa pessoa, você começa a achar que foi muito bom...porque quando você fica triste, quando a pessoa ta triste e você olhar no seu filho ou na sua filha, você acha alegria dentro dela, você sorri por ela, você sorri porque você tem um motivo pra sorrir, você...vais achar um motivo de sorrir nela...por mais que a pessoa tiver triste aí quando você notar no seu motivo você vai sorrir, tem sido uma experiência muito boa, muito agradável, eu já me sinto muito bem, já me sinto muito bem por ser mãe.

Antes de eu ser mãe né quando encarei a realidade que eu estou grávida, vou ser mãe...aí eu não achava, eu ficava perdida, não tinha ideia nenhuma, como vou sustentar essa criança...como é que vai ser...não é muito assim como é que eu vou sustentar, é mais como cuidar dessa criança...será que eu vou saber criar essa criança, será que eu vou saber lidar com uma bebê recém nascida...e passado o tempo eu fui ver que tudo não é tão difícil assim, conforme as outras pessoas, outras mães vão falando, mas outras mães vão falando são experiências também delas...cada uma criança é uma criança, é diferente de outra...porque umas são mais inquietas...outras são mais tranquilas...mas é tudo a mesma coisa, ela só chora quando tem fome, ela só chora porque quero banho, porque ta com calor, ela só chora porque quero mamar, quero água...toda essa coisa aí! A minha infância foi muito boa né...eu tive uma infância realmente infantil...muito hehehe motivadora...ééé cresci com os meus pais, cresci num seio familiar agradável, nunca teve essa coisa de confusão...discussão, toda essa coisa nunca teve.

E...a gente brincava, oh, eu tenho...sou a primeira filha da minha mãe, somos seis meninas e um rapaz...estou certa?! Não sei se estou certa hehehe...eu acho que somos sete meninas e um rapaz, pronto, somos sete meninas e um rapaz. Sou a primeira de todas...o rapaz puxou a caçule, a mais nova de todas...o rapaz é o primeiro caçule, a segunda é a bebê e...eu sempre tive as minhas irmãs como minhas amigas, já tive muitas amizades, minhas irmãs mesmo é que foram minhas amigas dentro de casa, até porque os meus pais não me deixavam sair assim muito por muito tempo fora...meus pais me deixavam sempre brincar, todo tempo dentro, com tudo que a gente quiser...e não lhe dava motivo pra sair fora, assim do nada mesmo porque ta a ir procurar um brinquedo, porque tava a ir procurar um negóciozinho pra brincar...e a gente brincou bastante, tivemos uma infância muito agradável também, brincamos a brincadeira da

Zera, que bate com as mãos...brincamos o cordão, brincamos a garrafinha, é muita coisa, brincamos de contar histórias...foi muito agradável, foi muito bom ter essas lembranças dentro de mim porque realmente eu acho que as crianças de hoje né, eu digo assim as crianças de hoje, principalmente em Angola, as crianças já não brincam essas brincadeiras que a gente brincava...as crianças de hoje já não querem brincar as brincadeiras que a gente brincava porque eu acho que também foi morrendo com o tempo, que os jovens foram crescendo e foram deixar de fazer essas brincadeiras...agora que as crianças, e com esse meio digital também que as crianças só pegam celular, todo momento ta no facebook, ta nas redes sociais, ta no whatsapp e por aí fora.

Eu me sinto muito bem porque eu tive uma infância muito agradável, nós tivemos muita, muita brincadeira...olha nós tivemos a brincadeira da Para, que é uma brincadeira que não causava fome hehehe, sério, aquela brincadeira a pessoa vai na escola porque é obrigação senão...você vai a escola porque é obrigado a ir à escola...não era vontade de ir a escola na época não, era vontade mesmo de passar todo dia a jogar aquela brincadeira de Para...é feita com papel, com papelão, uma latinha fazendo as rodelazinhas do papelão, vai botando uma cola por dentro do papelão e aí vai fazendo tipo baralho...tipo uma carta. Vai fazer tipo carta e aí vão jogando com bolinhas que na época eram muito valiosas, mas já não é mais valiosa...eu creio que não é mais valiosa porque primeiramente já não se usa mais...e eu acho que foram brincadeira que marcaram as nossas infâncias...o Cordão, a Zera, a Para...hum brincadeira de Escondida que aqui chama Escondida mas a gente chama Come-Banana hehehe.

Foram brincadeiras muito agradáveis que marcaram realmente as nossas vidas, que se hoje a gente for lembrar...só traz alegria nas nossas vidas, sempre foi muito boa essas brincadeiras, sempre nos causou alegria...é mais ou menos isso, eu tive poucas amigas, tipo eu tive poucas amigas verdadeiras...maioria das amigas era mais por interesse porque eu tinha os melhores brinquedos, as melhores coisas e aí elas viam...mas na verdade eu tinha poucas amigas, as minhas amigas sempre foram as minhas irmãs que eu cresci com elas, que nascemos juntas da mesma barriga...elas sim foram minhas amigas realmente.

Considerações fraternais

São onze experiências. Onze respostas colhidas e dadas no ano de 2019, entre Junho, Julho e Agosto, assim como em Janeiro de 2020. Onze histórias de vida, cada uma com as suas vitórias, dificuldades e maneiras de lembrar às suas infâncias, encarar o espírito maternal e o «tornar-se mãe», longe dos seios familiares que lhes viram nascer. Os discursos orais, aqui transcritos, procuram mostrar e dar visibilidade às peculiaridades como vivências particulares que, mesmo por intermédio, de conexões e falas semelhantes, servem de exemplo para entendermos o quão importante é: trazer evidências e narrativas de jovens mulheres africanas «vindas de dentro». Nesse caso, provenientes de um «conviver unilábiano» e universitário, cujas reflexões são capazes de contribuir para um processo de rememoração e não esquecimento dos protagonismos, principalmente, das participantes nessas entrevistas, conversas e encontros. Um «muito obrigado» nunca basta, por cederem as suas vozes e falas, sobretudo, íntimas. O objetivo é que esse ensaio sirva como uma vitamina inacabada para «seguirmos lutando», conscientes de que ainda falta muito por vir e superar.